

FESTA DO «AVANTE!», FESTA DO POVO DE AMANHÃ ATÉ DOMINGO NO JAMOR

Quantas organizações ou entidades, particulares ou oficiais, poderiam levar a cabo a grandiosa manifestação de cultura, amizade e solidariedade que é a Festa do «Avante!»?

Só um grande Partido como o PCP, forjado na luta, na resistência e na certeza da vitória, só um partido enraizado nas massas populares, profundamente identificado com os interesses dos trabalhadores, podia organizar a Festa do «Avante!», o mais importante acontecimento cultural e artístico do País.

Trata-se de uma realização só possível pelos sacrifícios, pelo esforço, pela criatividade e imaginação, pela militância e dedicação dos comunistas e de muitos amigos do Partido, de milhares de pessoas, homens, mulheres e jovens que estão com o PCP na luta pela defesa e consolidação da democracia, das liberdades e das outras conquistas da Revolução, e que compreendem o profundo alicerce da Festa do «Avante!», como jornada de convívio, cultura e espectáculo, e como grande manifestação de vitalidade do Partido da classe operária.

Quem viu há tempos o extenso Vale do Jamor e o vê agora, pode ter uma esclarecida imagem do que é, na verdade, a militância dos comunistas, o que é a sua força de vontade, a sua determinação, a sua aposta no futuro.

Um vasto campo, torto, sem condições para a realização de uma vulgar feira de província, sem instalações eléctricas, sem água, sem esgotos, sem caminhos, transformou-se, a pouco e pouco, numa pequena «cidade». Aplanou-se o chão, montaram-se instalações eléctricas, canalizações de água e esgotos.

Nasceu uma pequena «cidade» com «casas» que são stands e pavilhões, com restaurantes e bares, com palcos, torres, ruas e parques.

Uma «cidade» construída a pensar no futuro, pelas mãos de quem luta por uma vida melhor para todos os trabalhadores, por uma sociedade a caminho do socialismo.



COMO IR À FESTA DO «AVANTE!»

O Vale do Jamor não é em Lisboa. Mas a distância que separa a capital do local da Festa não vai ser problema. Os transportes estão assegurados e os acessos facilitados. Para saber como é basta ler com atenção a pág. 10.

Sugerimos mesmo que esta página seja afixada em lugares públicos, como paragens de autocarros, estações de metropolitano e comboio, etc., visto conter informações de grande utilidade para os milhares de visitantes.



TREZE RAZÕES PARA ESTAR PRESENTE

Há mil e uma razões para ir amanhã, sábado e domingo ao Vale do Jamor. Mil e uma razões que temos vindo a pormenorizar nestas páginas, sem, evidentemente, conseguir esgotá-las. De todas elas seleccionámos treze, de que falamos nas páginas centrais.

Como ainda há EPs para vender, a afixação destas páginas nos locais de trabalho, lugares públicos, centros, etc constituirá, certamente, uma boa propaganda do acontecimento.

Editorial

UMA GRANDE INICIATIVA DE MASSAS

Amanhã, quando o sol poente projectar as primeiras sombras do morro de Linda-a-Pastora sobre os campos do Jamor, a Festa do «Avante!» abrirá as suas portas para os visitantes.

Dezenas de milhares de portugueses de todos os recantos do País e de diversos sectores sociais vão transpô-las e um bulício diferente vai suceder-se ao bulício de duros dias de trabalho de milhares de camaradas.

É o bulício da convivência popular e fraterna de trabalhadores, num belo enquadramento natural a que o espírito criador dos comunistas imprimiu uma outra perspectiva.

Trabalhadores no sentido mais lato do termo, é bem de ver — manuais e intelectuais, qualificados e indiferenciados, homens, mulheres e jovens — e é por isso mesmo que a Festa do «Avante!» vai ser, antes de tudo, pelo seu largo conteúdo social e pelos seus objectivos, uma grande realização democrática.

Na reunião plenária de 31 de Julho passado, o Comité Central do PCP definindo as tarefas do Partido inseriu a Festa no contexto da luta actual pela defesa da democracia, da independência nacional e das grandes conquistas da Revolução.

«A Festa do «Avante!» — diz-se no documento do Comité Central — deverá constituir, a exemplo do ano passado, uma grande realização popular de massas, uma nova afirmação da política do Partido, da profunda ligação dos comunistas às classes trabalhadoras, aos problemas que afectam a vida e a luta do povo trabalhador».

(continua na pág. 2)



Pág. 3

Trabalhadores da Reforma Agrária

GARANTIR O PÃO AO PAÍS E OS POSTOS DE TRABALHO

COMÍCIO

No domingo, às 17 e 30, no Palco 1 da Festa do «Avante!», realiza-se um comício com a participação dos camaradas ÁLVARO CUNHAL e DIAS LOURENÇO.

OS TRABALHADORES
FIRMES NA LUTA
CONTRA
OS DESPEDIMENTOS
E AS DESINTERVENÇÕES
ILEGAIS

Os casos da «Metalúrgica
Duarte Ferreira» e da
«Luís Pedro Mendonça»



Pág. 4

AS RESOLUÇÕES DO GOVERNO PS CONTRA A IMPRENSA ESTATIZADA

1. A pretexto da situação de crise da Imprensa, das dificuldades económicas e financeiras das empresas jornalísticas, dos elevados gastos de dinheiros públicos com a imprensa estatizada, acaba o Governo PS de decretar, coerente com a sua política de recuperação capitalista, uma série de medidas que, de forma flagrante, desrespeitam a Constituição, o próprio Programa do Governo e promessas e compromissos publicamente assumidos por diversos membros do Governo, e constituem a negação do papel social da Imprensa.

Tais medidas, que representam um verdadeiro atentado contra o sector estatizado da Imprensa, não irão resolver os problemas que o Governo evoca para as adoptar e saldar-se-ão pelo reforço do controlo do Governo e seus aliados sobre a imprensa estatizada, pelo reforço do domínio do grande capital sobre a Imprensa em geral, com prejuízo para o direito à informação do nosso Povo, e por uma onda de despedimentos que o próprio Governo admite ir atingir um elevado número de trabalhadores da informação.

2. As presentes medidas desrespeitam a Constituição porque, contrariamente ao que esta manda, foram tomadas sem que tenham sido ouvidos, na generalidade, os trabalhadores do sector, ou sem que tenham sido tomadas em conta as suas opiniões e interesses quando os manifestaram; porque foram tomadas sem que estejam em funções os Conselhos de Informação previstos na Constituição aos quais cabe, conforme decidiu a Assembleia da República, pronunciar-se sobre a alteração dos estatutos das empresas ou do seu encerramento; porque atingem duramente o direito ao trabalho; porque comprometem ainda mais a independência dos meios de comunicação social estatizados. Desrespeitam o próprio programa do Governo, nomeadamente no que diz respeito às empresas intervencionadas do sector, para as quais estavam previstas soluções de tipo cooperativo ou a transformação em empresas públicas, caso os trabalhadores não aceitassem a primeira solução. Desrespeitam por fim os compromissos assumidos por todos os membros do Governo que publicamente prometeram, designadamente aos trabalhadores mais directamente interessados, que não cessaria a publicação do jornal «O Seculo» e demais edições da empresa e que o seu direito ao trabalho seria respeitado.

3. As resoluções agora tomadas pelo Governo negam à Imprensa o seu papel social e não irão diminuir os encargos públicos com a Imprensa.

De facto, para além do Estado ir suportar os custos da operação de desintervenção e «saneamento» e os prejuízos das empresas que o Governo se propõe entregar ao capital privado (cujos direitos são nulos, pois no momento da intervenção todas estas empresas se encontravam em situação de falência técnica com enormes dívidas à banca nacionalizada), vai ainda o Governo apoiar a imprensa privada segundo critérios que não garantem a exclusão desse auxílio da imprensa fascista e colonialista, o que poderá vir a trduzir-se pelo inadmissível subsídio, com os dinheiros públicos, da propaganda reaccionária.

Tais resoluções constituem a primeira fase da concretização do chamado «projecto Roque Lino», contra o qual se ergueu um justo coro de protestos, que o Governo PS não teve em conta, e cujos objectivos políticos são bem conhecidos: a entrega ao grande capital de um certo número de empresas jornalísticas e o reforço do controlo do Governo sobre os órgãos de comunicação social estatizados; nomeadamente através do reforço do «Diário de Notícias»; jornal que no projecto original era apontado como dirigido «a espaços jornalísticos tidos como afectos ao Partido Socialista e ao Governo».

Não indo as presentes medidas resolver a situação de crise do sector é de esperar, para uma segunda fase, novas e mais drásticas resoluções que, como as presentes, o Governo procurará fazer abater sobre os trabalhadores não apenas da Imprensa, mas da Rádio e da Televisão.

Algumas medidas, nomeadamente as de apoio à Imprensa e as que apontam para a abolição do pluriemprego e para o rigoroso cumprimento das disposições sobre controlo das tiragens e sobras,

poderiam ter efeitos positivos se enquadradas numa política diferente.

4. O PCP faz notar a incapacidade que o Governo uma vez mais revela de encarar soluções para os problemas, como em todos os sectores da vida nacional, sem ser à custa de pesadíssimos sacrifícios e privações para os trabalhadores e restrições aos seus direitos, o que é bem revelador da opção de classe do grupo dirigente do PS e do Governo PS.

Os despedimentos em massa e a redução drástica das regalias conquistadas pelos trabalhadores da Informação, nomeadamente a suspensão de Contratos Colectivos de Trabalho, são as medidas e consequências mais graves contidas na resolução aprovada pelo Conselho de Ministros.

Centenas de trabalhadores são fria e premeditadamente lançados de imediato no desemprego; muitos mais ficarão na iminência de ser considerados como «pessoal excedentário», havendo precedentes que fazem temer que os critérios de tal classificação venham a dar cobertura a despedimentos selectivos e à perseguição aos trabalhadores mais conscientes e combativos, designadamente aos delegados sindicais e membros de Comissões de Trabalhadores.

A criação de um vastíssimo contingente de desempregados neste sector, para além do que o facto em si mesmo tem de reprovável, constitui também uma ameaça para os trabalhadores que mantêm o seu emprego. Com efeito, é prática corrente e típica dos governos de direita manter grande número de trabalhadores no desemprego como forma para manter baixos preços no mercado de trabalho.

O próprio PS denunciou em tempos esta prática, classificando-a, no programa com que se apresentou ao eleitorado, de «cinismo tecnocrático».

5. O PCP considera não ser por acaso que os jornais cuja situação económica e financeira é reconhecida como mais sã pelo próprio Governo, designadamente o «Diário de Lisboa» e o «Diário Popular», são os que têm mantido uma posição mais independente, de acordo, aliás, com o espírito e a letra da Constituição.

Pelo contrário, aqueles que devido ao seu comportamento subserviente em relação ao Governo e ao Partido do Governo procuram apresentar como boa e única a política de recuperação capitalista e o consequente agravamento das condições de vida dos trabalhadores e do Povo, têm visto crescer as suas dificuldades e avolumarem-se os seus défices. É o caso do «Diário de Notícias» (272 mil contos de prejuízo) de «A Capital» 189 mil contos de prejuízo).

O PCP responsabiliza o conteúdo reaccionário que foi dado ao jornal «O Seculo», desde a sua entrega ao PPD pelo VI Governo Provisório, pela desastrosa situação financeira a que a empresa chegou (390 mil contos de prejuízo) e que conduziu à sua liquidação.

O PCP considera que o direito à informação só será assegurado pelo respeito das disposições constitucionais que consagram a existência, ao lado do sector privado, de um sector estatizado da comunicação social cuja independência face ao Governo e administração pública será conseguida pelo reconhecimento do papel dos conselhos de redacção, respeito dos estatutos editoriais e pela entrada em funções dos Conselhos de Informação previstos no Art.º 39.º da Constituição, e nunca, como é óbvio, através da sua entrega ao grande capital, conforme o Governo agora se propõe; e pelo respeito das disposições constitucionais sobre os tempos de antena na Rádio e na Televisão para os partidos e organizações sindicais e profissionais.

O PCP considera, igualmente, que a efectiva reestruturação e saneamento económico do sector da comunicação social só será possível e eficaz com a participação democrática dos órgãos representativos dos trabalhadores e com a garantia do direito ao trabalho.

O PCP reafirma que, neste como noutros campos, o cumprimento da Constituição e das leis e a participação organizada dos trabalhadores são, para além de exigências de vida democrática, condições para o êxito, justiça e eficácia de quaisquer medidas.

Lisboa, 2 de Setembro de 1977

A SECÇÃO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Jaime Serra na Covilhã

PS: POLÍTICA DOS PACOTES CHEIOS E DO CABAZ VAZIO

As transformações políticas, económicas e sociais ocorridas no nosso País desde o 25 de Abril e a ofensiva das forças reaccionárias contra essa nova situação, foram os temas principais da intervenção que o camarada Jaime Serra, membro da Comissão Política do CC do PCP, proferiu no comício que o nosso Partido levou a efeito no passado dia 3 na Covilhã.

Referindo-se às ofensivas da reacção, o camarada Jaime Serra salientou: «O mais grave, porém, é que as forças reaccionárias, as forças do passado, encontram aliados em forças políticas e em políticos que tinham por dever estar ao lado dos trabalhadores e do povo que os elegeu».

E Jaime Serra acrescentou: «O grupo dirigente do PS, traindo os compromissos assumidos no seu Programa e perante o seu eleitorado, tornou-se o instrumento ideal da burguesia reaccionária para levar por diante uma política de recuperação capitalista, agrária e imperialista».

Procedendo ao balanço de um ano de actividade do Governo PS — que classificou de catastrófico — o dirigente do nosso Partido acentuou: «O primeiro Governo Constitucional, constituído por um partido que se diz socialista, é o pior governo, o mais direitista e impopular que temos tido depois do 25 de Abril. Nunca como agora foi maior a inquietação dos trabalhadores quanto ao seu futuro e quanto ao futuro dos seus filhos face ao constante agravamento do custo de vida

e ao aumento do desemprego. Nunca tantos perigos ameaçara, como agora, a nossa jovem democracia e as conquistas de Abril».

Noutro passo da sua intervenção Jaime Serra referiu-se igualmente a vários aspectos da contra-revolução legislativa e ao recurso crescente por parte do Governo PS à repressão, denunciando:

«Não se pode acreditar que seja de esquerda um governo cujo chefe, no mesmo dia em que convida os patrões exploradores da CIP para uma conversa amena, manda espancar brutalmente os trabalhadores de Évora, só porque resistem justamente à fúria destruidora da Reforma Agrária, por parte do MAP. Um tal governo, ao contrário do que afirma, está muito longe de querer salvar a revolução. Está sim a favorecer o avanço da contra-revolução».

Analisando a política económica do Governo, que classificou de «política de pacotes cheios e do cabaz vazio», o camarada Jaime Serra demonstrou a ineficácia das medidas tomadas em 25 de Fevereiro e a 25 de Agosto pelo Governo do PS, afirmando nomeadamente:

«Basicamente errada, a política do Governo é uma política tendente à recuperação capitalista e não à recuperação económica. Mais uma vez estas medidas redundarão em prejuízo das condições de vida do Povo português», particularmente dos trabalhadores, sem conseguirem os objectivos que se propõem.

ASSEMBLEIA DE PIONEIROS NA FREGUESIA DE SILVES

No passado dia 3 realizou-se a 1.ª Assembleia de Pioneiros da Freguesia de Silves. A abertura coube à camarada Fernandes, responsável distrital dos Pioneiros, que salientou a importância do acontecimento. Houve intervenção de dois pioneiros sobre o trabalho realizado e perspectivas, assim como a entrega de lenços e das «leis do Pioneiro» a vinte elementos.

A intervenção política esteve a cargo do camarada Duro, membro suplente do Comité Central, que referiu a importância dos Pioneiros em relação ao trabalho do Partido e como organização juvenil.

O camarada António Estrela, convidado de honra, respondeu a várias perguntas feitas pelos jovens sobre a luta antifascista, o seu passado como militante do Partido, as prisões, etc., e as suas

respostas foram seguidas com muito interesse e agrado.

Após um intervalo de meia hora seguiu-se um programa de variedades onde se representou uma peça de fantoches realizada pelos pioneiros, canções pelo coro dos pioneiros de Silves e poesia, tudo dentro de um ambiente de grande entusiasmo e participação.

No final houve lanche e inscrição dos novos pioneiros.

CONFRATERNIZAÇÃO EM FARO

Com um passeio de barco à praia da ilha, onde tomaram um bom banho e depois novo passeio, mas ao campo, onde houve piqueniques e jogos infantis, os pioneiros de Faro gozaram no último sábado as delícias de um convívio em que a tónica foi a alegria e grande participação.

Editorial

UMA GRANDE INICIATIVA DE MASSAS A FESTA DO AVANTE

Continuação da pág. 1

Isto significa, na Festa do «Avante!», a defesa activa das liberdades, da Reforma Agrária, das nacionalizações e do controlo operário; o repúdio da famigerada lei Barreto, o da entrega das terras aos latifundiários e das empresas intervencionadas ao patronato sabotador; o protesto contra o pagamento das indemnizações aos grandes capitalistas e contra a política de recuperação capitalista do governo do PS.

Nenhuma destas expressões de luta teria significado sem um amplo conteúdo unitário de massas, sem a participação na Festa de todos os homens, mulheres e jovens interessados na defesa das conquistas de Abril.

Uma Festa do PCP sim, mas aberta a quantos desejam confraternizar em torno de um vasto projecto comum que, assentando nas realidades e incertezas da hora actual, aponta resolutamente ao futuro do Portugal democrático que rumo ao socialismo.

Isto quer dizer que a Festa do «Avante!» vai ser nos curtos três dias da sua duração, um grande polo de atracção popular, um ponto de encontro para algumas centenas de milhares de portugueses immanados num mesmo ideal de liberdade e de progresso social.

☆☆

Val ser sem dúvida uma Festa popular em toda a acepção da palavra. Os que lá forem buscar uma diversão agradável e sã decerto a encontrarão nas formas mais variadas e atraentes.

Mas a Festa é mais do que isso: é a maior realização artística, cultural, recreativa e internacionalista, jamais organizada em conjunto em Portugal e além disso uma autêntica parada de juventude.

A arte lá estará em formas de expressão surpreendentes.

Grandes painéis decorando os pavilhões, constituindo verdadeiros hinos à liberdade e ao trabalho criador, emparelharão com telas e esculturas seleccionadas dos nossos melhores artistas plásticos. Pela primeira vez mais de sessenta artistas exporão em conjunto algumas das suas obras mais significativas e mostrarão

como a unidade ideológica se pode exprimir sem conflito na diversidade das formas.

A literatura, a música, o teatro, o cinema, a canção, o folclore, terão na Festa a sua dignificação própria. Todos os que sonharam radical no Povo a sua arte e levar às massas populares uma mensagem de beleza e luta sentir-se-ão ali realizados.

Neste ano de 1977 o 60.º Aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro não poderia deixar de impregnar todas as manifestações de internacionalismo na Festa do «Avante!».

A mensagem internacionalista de Outubro estará presente em cada pavilhão e em cada uma das realizações da cidade internacional.

A participação dos órgãos de imprensa comunista e operária no certame reflecte a natureza e solidez dos laços internacionalistas que unem o PCP e os trabalhadores portugueses não só aos povos que edificam vitoriosamente o socialismo, entre eles a grande pátria de Lénine — a União Soviética — como a todos os que no mundo sofrem a exploração e a opressão do grande capital e do imperialismo.

Solidariedade Internacional! — eis o grande lema internacionalista da Festa do «Avante!».

☆☆

O que já está feito e o que ainda se projecta fazer no Vale do Jamor como grande iniciativa de massas do PCP representa um prodígio de esforço e operatividade dos comunistas, e não seria possível sem a extraordinária abnegação de centenas de camaradas que na organização da Festa do «Avante!» puseram o melhor de si próprios, do seu saber, da sua capacidade de organização.

Tais camaradas merecem o reconhecimento de todo o Partido — um partido que vai crescer muito durante a Festa com a «Promoção de Abril». Muitos dos nossos visitantes irão, certamente, sair da Festa como aderentes ao Partido dos trabalhadores portugueses — o PCP. Saudamos desde já esses novos membros do Partido a cujas fileiras serão bem-vindos.

Aos delegados dos partidos irmãos saudamos fraternalmente certos de que os laços internacionalistas que nos unem sairão ainda mais fortalecidos para a luta comum pela Democracia, pela Paz, pelo Socialismo. E a todos os visitantes as saudações do «Avante!».

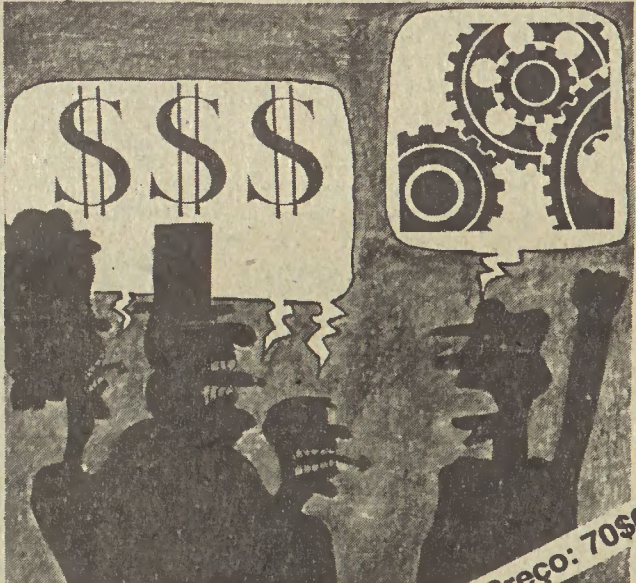
editorial CAMINHO

PUB.

A política e as palavras

de Álvaro Mateus

DAR O SENTIDO REAL DE ALGUMAS PALAVRAS, CONCEITOS E EXPRESSÕES CORRENTES NA LINGUAGEM POLÍTICA, DE FORMA SIMPLES E ACESSÍVEL, EIS POIS, O PROPÓSITO DESTES LIVROS. UM LIVRO NECESSÁRIO A TODOS OS QUE PRETENDEM MELHORAR A SUA FORMAÇÃO POLÍTICA. UM LIVRO DE INTRODUÇÃO À POLÍTICA.



Preço: 70\$00

A VENDA

REVISTA N.º 37

INTERNACIONAL

problemas da paz e do socialismo

«O Governo e o grupo dirigente do PS capitulando perante a pressão da direita entendem que é o Povo que terá de pagar a recuperação capitalista».

Reafirmando que «a solução para a crise não está na recuperação capitalista mas sim na recuperação económica», Jaime Serra teve-se um pouco nas conclusões da Conferência Nacional do nosso Partido.

A finalizar a sua intervenção, o camarada Jaime Serra disse:

«Em 31 de Julho o CC do PCP, perante a gravidade da situação, salientou a necessidade e urgência de um profundo exame conjunto da situação por todas as forças sociais e políticas, sem discriminações, interessadas no processo democrático, com vistas ao estabelecimento de uma plataforma que impeça os efeitos catastróficos da série de leis aprovadas e que conduza à formação de um governo que respeite a Constituição e faça sair Portugal das dificuldades actuais».

«No caso de se revelar inviável a solução da crise através da formação de um governo de plataforma, apoiado por todas as forças políticas e sociais que respeitem e apoiem sem reservas a Constituição da República, tal como defendemos, então,

a alternativa que o CC do PCP também apresentou consiste na dissolução da Assembleia da República nos termos constitucionais e a realização de novas eleições através das quais o Povo português possa pronunciar-se livremente sobre as medidas propostas para a saída da crise».

«Ao apresentar tais

propostas o PCP mostra ser o único Partido que não recela a realização de novas eleições ao contrário dos partidos que reagiram negativamente a tal sugestão, incluindo o grupo dirigente do PS, além do PPD e do CDS.

«Tem-se dito que o Partido já há mais tempo devia ter assumido tal posição face ao Governo PS, retirando-lhe qualquer apoio na Assembleia da República».

«O CC do Partido pensa que esta resolução surgiu quando as condições políticas o impuseram».

«Quando o Governo e o grupo dirigente do PS demonstraram claramente ter enveredado definitivamente, em questões fundamentais, por uma política direitista, anticonstitucional em aliança com o PPD e o CDS. Quando o grupo dirigente do PS fez uma opção de classe, colocando-se ao lado da burguesia contra os interesses dos trabalhadores, facilitando a tentativa das forças reaccionárias para destruir as conquistas da Revolução».

«Esta evolução direitista da direcção do PS, até os trabalhadores socialistas e o eleitorado do PS não podem deixar de condenar».

«Cresce dia a dia o número de militantes do PS que se aproximam do nosso Partido quer dando-nos apoio quer pedindo o seu ingresso no PCP».

«Pelo nosso lado continuamos a considerar os trabalhadores ligados ao PS como irmãos de classe e o PS, no seu conjunto, como um partido de esquerda, o qual, mais cedo ou mais tarde, terá de se entender com o PCP na busca de caminhos para sair da crise e defender as conquistas da Revolução».

UJC denuncia

EXAMES «AD-HOC»: MAIS UMA MANOBRA DO MEIC

seus cursos gerais secundários e se matricularam nos cursos complementares para, legitimamente, prosseguirem os seus estudos».

Depois de repudiar o modo arbitrário e irresponsável como o ministério do dr. Cardia fez publicar a referida circular, já depois de efectuadas as matrículas nos cursos complementares, criou um exame para disciplinas que nunca foram leccionadas e para o qual dá como prazo de preparação cerca de um mês, o documento da UJC sublinha que «durante o passado ano lectivo, o MEIC jamais actuou no sentido de dar resolução aos graves problemas que os trabalhadores-estudantes enfrentam». Saliente-se, a propósito, que ainda não foi criado no MEIC nenhum departamento para as questões específicas dos trabalhadores-estudantes, que são mais de 100 mil!

«O MEIC obriga à realização de exames «ad-hoc» a trabalhadores-estudantes que, com sacrifício, aplicação e estudo tirado às horas de descanso depois da jornada diária de trabalho, terminaram os

Avante!
Proletários de todos os países: UNI-VOS!

SERVIÇO DE ASSINATURAS

Avisamos todos os camaradas e amigos que o serviço de assinaturas do «Avante!» mudou para a Avenida Santos Dumont, 50 — Lisboa 1 com o telefone 763701

Avante!
Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Propriedade
Partido Comunista Português
Av. António Serpa, 26-2.º Dt.º — Lisboa 1 Tel.: 769896/7

Administração
Editorial Avante, SARL
Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt.º — Lisboa 1 Tel.: 769744/769751

Direcção e Redacção
Av. Santos Dumont, 57-3.º Dt.º — Lisboa 1 — Tel.: 769725/769722

Distribuição
CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL
Central: Rua Pedro Nunes, 9-A — Lisboa 1. Tel.: 769744/769751
Centro Distribuidor de Lisboa: Av. Santos Dumont, 57-C — Lisboa 1. Tel.: 769705
Casa de Venda em Lisboa: Rua do Sécuro, 80 — Lisboa 2. Tel.: 372238
Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 578 — Porto, Tel.: 28938
Casa de Venda: R. do Almada, 18-2.º Esq. — Porto, Tel.: 310441
Centro Distribuidor do Centro: Terreiro da Erva, 6 — Coimbra, Tel.: 28394
Centro Distribuidor de Santarém: R. Pedro de Santarém, 41 — Santarém, Tel.: 24564
Centro Distribuidor de Setúbal: Rua de Angola, 29-A — Setúbal, Tel.: 29493
Centro Distribuidor do Alentejo: Alcarrova de Baixo, 13 — Évora, Tel.: 26361
Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.º de Dezembro, 23 — Faro, Tel.: 24417

Assinaturas
CDL, Departamento de Venda Directa
Av. Santos Dumont, 50 — Lisboa 1, tel.: 763701

Publicidade
Lisboa: R. Pedro Nunes, 9A — Lisboa 1, Tel.: 41787

Composto e Impresso na Heka Portuguesa, — R. Elias Garcia, 27 — Venda Nova — Amadora

Tiragem média do mês de Agosto: 70 831

Firme determinação dos Trabalhadores da Reforma Agrária

GARANTIR O PÃO DO POVO
E OS POSTOS DE TRABALHO

«Mais de 400 delegados das UCPs e Cooperativas de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal, reunidos em Évora, para planejar as sementeiras de Outono, reafirmam a V. Ex. a determinação de não deixar

um palmo de alqueive por semear.

«Para as sementeiras serem feitas com êxito, apelamos a V. Ex.» para que sejam assegurados, a tempo, o fornecimento de sementes,

adubos e créditos, equipamentos, não se repetindo os actos de agressão aos trabalhadores».

Com estas palavras dirigidas ao Presidente da República, os trabalhadores das UCPs e Cooperativas Agrícolas exprimiram a vontade das massas trabalhadoras dos campos onde realizam a Reforma Agrária de garantir «o pão do nosso Povo trabalhando por turnos para melhor aproveitamento das máquinas, fazendo mais horas e trabalhando aos sábados e domingos, onde for necessário».

Este compromisso assumido perante todo o Povo português por 400 delegados representando os milhares de trabalhadores obreiros da Reforma Agrária foi tomado no decorrer de uma Assembleia dos cinco distritos da zona de intervenção, realizada no passado domingo em Évora,

cujas conclusões foram imediatamente divulgadas numa conferência de imprensa que se seguiu ao encontro. Conferência de imprensa na qual, como vem sendo hábito, a RDP e a RTP, esta sempre tão pronta a ouvir as calúnias dos agrários da CAP, permaneceram ausentes, dando mais uma vez «um bom exemplo do pluralismo do governo na informação».

Deste modo, os trabalhadores da Reforma Agrária responderam aos inimigos da democracia que «têm vindo a desenvolver uma campanha de mentiras e intrigas junto dos órgãos de soberania e do Povo português, tentando fazer crer que os trabalhadores este ano não fizeram os alqueives nem estão a preparar as terras para as sementeiras de Outono e não querem semear como forma de impedirem a aplicação da lei Barreto».

«Tal campanha», denunciam os 400 delegados, «tem em vista voltar a opinião pública e sectores militares contra a Reforma Agrária, justificando assim a repressão contra os trabalhadores e a devolução das terras aos agrários».

É NECESSÁRIO
QUE O GOVERNO
NÃO COMPROMETA
AS SEMEITEIRAS

Para que esta garantia do pão do nosso Povo possa concretizar-se com êxito, os trabalhadores não pouparão

O que são
alqueives?

Alqueives são a mobilização de terras a fim de as preparar para receberem em boas condições as sementes. Depois da colheita de uma cultura, de pastagem ou simplesmente de pouso, o solo, ou pelo menos a sua camada mais superficial, apresenta-se compacto, mal arejado e, por vezes, infestado de ervas daninhas. Por isso é indispensável prepará-lo com particular cuidado antes de se proceder às sementeiras: é esta operação que se designa por alqueive.

dias nem noites, farão do cansaço forças e das forças terra semeada. Mas nem tudo está nas mãos dos trabalhadores. Muito depende do Governo. E o que se observa já é que o Governo não está a cumprir com as suas responsabilidades perante o povo trabalhador. Assim, o plenário das UCPs alertou para o facto de que o Governo não tem garantido «todas as variedades de sementes seleccionadas às UCPs e Cooperativas Agrícolas e UCPs e Cooperativas há

meses com o crédito cortado estão sem meios financeiros para comprar adubos, o que pode comprometer as sementeiras».

Perante esta situação, o plenário salientou as condições necessárias para que a Campanha de Sementeiras de Outono seja realizada com êxito, enunciando-as deste modo:

«É necessário que o Governo ponha termo à ofensiva às UCPs e Cooperativas e à repressão dos trabalhadores».

«É necessário que o Governo ponha termo ao corte de crédito a mais de cem UCPs e Cooperativas que há meses e meses não o têm».

«É necessário que o Governo assegure a tempo o fornecimento de sementes, adubos, equipamento e crédito agrícola com juros favoráveis».

«É necessário que o Governo garanta às UCPs e Cooperativas que vão colher aquilo que semeiam».

Como reivindicação final, exprimindo a vontade das massas trabalhadoras, não somente na zona da Reforma Agrária mas de todo o País, o plenário sublinhou:

«Dado que a lei Barreto é anticonstitucional, visa destruir a Reforma Agrária e a sua aplicação traria graves consequências para a economia nacional e para o desenvolvimento da agricultura portuguesa, impõe-se a sua suspensão e revogação».

Mais uma vez ficou demonstrado que os trabalhadores hoje, como no passado e no futuro, tudo farão para garantir o pão do Povo e os postos de trabalho. Os trabalhadores sabem que para além das dificuldades e obstáculos que enfrentam na luta, a determinação das massas populares — a grande e decisiva maioria do País — abre em cada dia os caminhos, nem sempre fáceis, de uma Reforma Agrária vitoriosa, os caminhos de um País livre e democrático.

NAS UCPs E COOPERATIVAS
AS TERRAS SERÃO SEMEADAS!

Quando, pela voz de 400 delegados, os trabalhadores da zona da Reforma Agrária garantem ao Povo português e aos órgãos de soberania, que estão decididos a assegurar as sementeiras de Outono, não deixando sequer um alqueive por semear, não apresentam apenas palavras. Mesmo que se tratasse apenas de palavras, estas, quando proferidas pelos trabalhadores, trazem em si a garantia da concretização. Basta olhar os campos do Alentejo e do Ribatejo, compará-los com a desolação do antes de Abril, para concluir, mesmo aqueles que mais nada sabem da longa luta das massas trabalhadoras dos campos, que as palavras valem por quem as diz, por quem as pesa e lhes dá forma e conteúdo em cada dia.

Mas além das palavras, resposta dos 400 delegados das UCPs e Cooperativas Agrícolas «à onda de mentiras lançadas pelas forças de direita», os trabalhadores divulgaram os seus planos que provam que a totalidade das UCPs e Cooperativas têm os seus alqueives feitos ou em

preparação com vista a serem semeados. Entre muitos foram citados os seguintes:

DISTRITO
DE PORTALEGRE

UCP 1.º de Maio — Avis: Trigo, 420.000 kg; cevada, aveia e centeio, 130.000 kg; forragens, 20.000 kg.

UCP 25 de Abril — Casa Branca, Sousel: Trigo, cevada, aveia e centeio, 325.000 kg.

UCP 2 de Janeiro — Chança, Alter do Chão: Trigo, 70.000 kg.

UCP Unidade de Ervedal — Avis: Trigo, 112.000 kg; cevada e aveia, 90.000 kg.

DISTRITO
DE ÉVORA

UCP de Agualar — Viana do Alentejo: Trigo, 170.000 kg.

UCP 22 de Julho — Évora: Trigo, 60.000 kg; cevada e aveia, 60.000 kg.

UCP Cravo Vermelho — Montemor-o-Novo: Trigo,

85.000 kg; cevada e aveia, 40.000 kg.

UCP 23 de Setembro — Freixo, Redondo: Trigo, 126.000 kg; cevada e aveia, 90.000 kg.

UCP Catarina Eufémia — Portel: Trigo, 90.000 kg; cevada e aveia, 80.000 kg.

DISTRITO
DE BEJA

UCP Esquerda Vencerá — Plas, Serpa: Trigo, 223.000 kg; cevada e aveia, 206.000 kg.

UCP Freguesia da Unidade — Ervedal: Trigo, 280.000 kg.

UCP Alvorada na Aldeia — Aldeia Nova de S. Bento, Serpa: Trigo, 350.000 kg.

DISTRITO
DE BEJA

UCP Muralha d'Aço

— Vidigueira: Trigo, 100.000 kg; cevada e aveia, 42.000 kg.

DISTRITO
DE SETÚBAL

União das Cooperativas Horizonte Novo — Alcácer do Sal: Trigo, aveia e cevada, 4690 ha preparados.

Quanto a algumas UCPs e Cooperativas «que não têm os alqueives tão adiantados como desejariam, isso deve-se em grande parte à política repressiva do Governo, nomeadamente através do corte de crédito que afecta há meses dezenas e dezenas de Cooperativas» — esta a denúncia do plenário, denuncia que os trabalhadores poderão esclarecer ainda mais, apontando caso por caso para quem tiver dúvidas.

QUEM NÃO FAZ OS ALQUEIVES
SÃO OS AGRÁRIOS!DISTRITO
DE BEJA

Herdade Água d'Elvirinha — Alcáçovas; Herdade do Carrascal — Alcáçovas; Herdade Fonte Paredes — Évora; Herdade da Galega — Portel; Herdade de Rio Mendes — Portel; Herdade Sr.ª da Serra — Portel.

DISTRITO
DE PORTALEGRE

Herdade da Pedregosa — Arronches; Herdade dos Carrascals — Arronches; Herdade de Abrantes

DISTRITO
DE SANTARÉM

Herdade do Cortiço — Coruche; Herdade dos Nátelos — Coruche; Herdade do Farinheiro — Coruche; Herdade da Vargem da Cruz — Coruche.

São estes e tantos outros que não cultivam a terra, são os seus aliados que caluniam os trabalhadores, fazendo-os réus dos seus próprios crimes de sabotagem económica e política. E a estes e a quem os apoia que o Povo português, as massas trabalhadoras, denunciam e pedem contas.

2ª CONFERÊNCIA
DA REFORMA AGRÁRIA

Vai-se realizar a 2.ª Conferência da Reforma Agrária nos próximos dias 22 e 23 de Outubro, na cidade de Évora.

Para preparação da Conferência, os trabalhadores começaram já a fazer um amplo debate nas UCPs e Cooperativas, noutros locais de trabalho e nas organizações de classe, na base dos temas propostos para os trabalhos, que são os seguintes:

1 — Balanço da Reforma Agrária; 2 — Ofensiva do Governo — «Lei Barreto» e Luta em Defesa da Reforma Agrária; 3 — Produção, Comercialização e Preços; 4 — Balanço das Sementeiras de Outono; 5

— Organização e Quadros; 6 — Salários e Contratação Colectiva; 7 — Aliança dos Trabalhadores Rurais com os Pequenos e Médios Agricultores e unidade com os outros trabalhadores.

A semelhança do que aconteceu com a preparação e realização da 1.ª Conferência da Reforma Agrária efectuada a 30 e 31 de Outubro de 1976, em Évora, a 2.ª Conferência da Reforma Agrária constituirá certamente uma etapa fundamental no esclarecimento, mobilização e combate em defesa da Reforma Agrária e no avanço dos trabalhadores na batalha pela democracia rumo ao socialismo.

A LUTA NOS CAMPOS

Trabalhadores de Alpiarça em luta contra despedimentos abusivos.

Soma e segue a lista dos agrários que querem desmobilizar os trabalhadores negando-lhes o direito ao trabalho. Depois do caso que noticiámos, das trabalhadoras da Casa Viuva Joaquim Duarte Barreira (que continuam a impedir a saída do melão da herdade do Migadinho, sem se deixarem abater pela recente presença de 50 guardas da GNR, reivindicando o recebimento de salários em atraso, das férias contratuais e o direito ao trabalho), chegaram-nos notícias de tentativas de despedimentos nas Casas Passos Canavarro e Lagoalva de Cima. Na primeira casa senhorial, o administrador Luis Vaz de Almada, figura preponderante da CAP, deu ordem de despedimento ao trabalhador Feliciano Serra, motorista, elemento da Comissão de Trabalhadores, com 39 anos de idade que nasceu numa das propriedades da Casa Agrícola e desde criança ali trabalha. Apoiados pelo Sindicato dos Operários Agrícolas de Santarém e pelo Sindicato dos Transportes Rodoviários, os trabalhadores da propriedade já efectuaram uma greve (assegurando, no entanto, o trato ao gado gado, pela reintegração do seu camarada de trabalho. Na Casa Lagoalva de Cima, o administrador, eng.º Manuel Campilho, deu ordem de despedimento aos trabalhadores António Guarita e Afonso Malaquias, que há 14 meses não recebem salários. Informa o Sindicato dos Operários Agrícolas do distrito: «Os trabalhadores são permanentes, não aceitando por isso o despedimento. A entidade patronal queria-lhes alterar o horário de trabalho, o que significava mais 30 minutos por dia, contrariando o que foi conquistado com grandes sacrifícios pelo povo de Alpiarça no tempo do fascismo, e como estes não aceitassem, por vingança, deu-lhes ordem de despedimento. Estes camaradas merecem o nosso apoio moral e material».

Operários têxteis de Coimbra em jornada de apoio à Cooperativa «19 de Dezembro».

«Ali nos deslocámos para que lhes fique na memória que os trabalhadores a que eles chamam do Norte estão

solidários com eles. Tal como estes camaradas que lutam debaixo de um sol ardente também os têxteis sentem, mesmo dentro de quatro paredes, que a sua luta é a de todos nós». Com estas palavras, trabalhadores filiados no Sindicato Têxtil do Distrito de Coimbra justificam a sua jornada de apoio — a segunda — realizada à Cooperativa «19 de Dezembro» em Portalegre. «O que nós vimos, concluíram os trabalhadores têxteis, foi o conjunto de 286 trabalhadores que esforçadamente desbravaram a terra inculta, duplicaram em 1976 a produção de cereais, aumentaram substancialmente o efectivo de gados e trabalham em perfeita unidade e em moldes claramente democráticos. Eles saíram da miséria a que o fascismo sempre os votou e agora são alvo dos ataques dos latifundiários, senhores do antigamente que, com a cobertura das autoridades, pretendem roubar a terra e o pão dos trabalhadores».

Falta de aveia e cevada: alerta da Liga de Pequenos e Médios Agricultores do Distrito de Beja.

Neste alerta a Liga chama a atenção de todos os agricultores e do Governo em especial para a falta de cevada e aveia que se faz sentir com desastrosas consequências num dos principais sectores da agricultura e prejuízo da economia nacional.

Num comunicado distribuído, a Liga de Beja esclarece que fez pressão sobre o Instituto dos Cereais solicitando as sementes para a próxima campanha que se encontra praticamente à porta. Informando que o Instituto dos Cereais afirma ter tomado as medidas necessárias ao abastecimento das sementes de aveia e cevada à produção, acrescenta a Liga: «Por isso alertamos todos os agricultores para que façam a sua inscrição prévia nos serviços regionais do Instituto dos Cereais a fim de obterem as sementes a preços inferiores aos praticados pelos intermediários que se estão a aproveitar (especulando) da escassez e do mau ano agrícola. Por outro lado, a falta de rações que se faz sentir, em parte motivada pela falta de cevada e aveia leva-nos a recear uma baixa na produção de carne e leite, que afectará gravemente o país».

QUAL O PROPÓSITO
DA POLÍTICA DO MAP?

Comentando a actuação do Ministério da Agricultura e Pescas relativamente aos incidentes ocorridos no concelho de Évora desde a noite de 29 de Agosto, a Secção de Informação e Propaganda do PCP emitiu uma nota na qual chama a atenção para mais esta violenta arbitrariedade do Governo PS: «Pretende desta vez o MAP demarcar a favor de um agrário uma reserva de 100 000 pontos, não só continuando a antecipar a aplicação da nova lei aliando não promulgada, não só violando a lei da Reforma Agrária em vigor, obrigatória também para o Governo, como violando igualmente um acordo estabelecido com os trabalhadores da herdade em Março corrente. Ao mesmo tempo, a presente actuação do MAP continua a série de atentados contra a economia, com os perigos que tal actuação provoca necessariamente para a produção agrícola. Transformado num instrumento ao serviço dum reduziíssimo número de grandes agrários, sem apoio de massas para a sua política de reconstituição dos latifúndios e do poder dos latifúndios, o MAP recorre uma vez mais ao uso da violência repressiva, desta vez assinalada pela utilização de meios de triste memória, como os famigerados «carros de água» que tão odiados se tornaram pelo povo português».

Assinalando que, tal como os factos comprovam, o Governo PS, através de meios repressivos, pretende avançar com medidas

contrárias aos interesses das massas trabalhadoras, contrárias às grandes conquistas da revolução, à vontade popular, ao espírito da Constituição e que agravam a situação económica e financeira, a nota da SIP refere: «O PCP não pode deixar de condenar o uso crescente da repressão por parte do Governo PS, o que de novo se verificou com uma agressividade e uma violência que contrariam os métodos democráticos. O PCP reafirma a sua solidariedade aos trabalhadores alentejanos, nomeadamente aos que foram vítimas de agressões».

«O PCP salienta que só a firmeza, a energia e a serenidade demonstrada pelos trabalhadores têm evitado que os incidentes se avolumem, se agudizem tensões e conflitos, como parece ser propósito da política agressiva e provocatória do MAP».

Sublinhando a pronta resposta dos trabalhadores através de grandiosas manifestações de repúdio pela repressão exercida em Évora, a nota da SIP conclui que «os trabalhadores alentejanos no uso das liberdades e direitos constitucionais, com firmeza e serenidade não deixarão de lutar em defesa da Reforma Agrária que, nos termos da Constituição, significa a expropriação dos latifúndios e das grandes explorações capitalistas, a entrega da terra a quem a trabalha, a formação e apoio a Cooperativas e Unidades Colectivas de Produção».

AS AUTARQUIAS
DE NORTE A SUL

A festa do «Avante!» Incomoda

Em Oliveira de Azeméis o vereador do CDS, eng.º Alfredo Pina, dedica-se juntamente com um bando de arruaceiros a rasgar os cartazes que anunciam a Festa do «Avante!». A sua fúria destruidora é tal que nem os próprios painéis mandados colocar pela Câmara para o efeito escapam.

O grupo reaccionário destrói propaganda política legal, destrói património camarário. Perante a passividade das autoridades responsáveis pela ordem democrática.

Já sabemos que a Festa do «Avante!» incomodava muita gente, mas, caramba, podiam diárfarar um pouco...

Pugilato na Câmara do Vimioso

Malgrado o derretido «namoro» a que se entregam as cúpulas do PS e do PPD, as coisas não parecem caminhar lá muito bem entre os quadros intermédios daqueles dois partidos. Que o diga o vereador do PS na Câmara do Vimioso, José Pimentel, recentemente agredido a murro pelo «convergente» e «pluralista» presidente daquela Câmara, Joaquim do Nascimento Marvão.

O caso passou-se na última sessão pública da Câmara Municipal do Vimioso, no decorrer de uma discussão gerada em torno da proposta do vereador socialista para ser eliminada uma estrebria existente perto de uma pensão. Por ignotas razões (será aquele «convergente» proprietário da dita estrebria?) os ânimos exaltaram-se e o presidente acabou ao murro ao vereador, provocando-lhe diversas escoriações e um hematoma.

A população do Vimioso, que teve mais uma excelente oportunidade de conhecer melhor os métodos «pluralistas» do PPD quando as coisas não lhe correm a favor, reagiu indignada aderindo em massa a um abaixo-assinado de repúdio pela actuação do presidente da Câmara, dirigido ao ministro da Administração Interna, governador civil de Bragança, Assembleia da República, Presidente da República e Conselho da Revolução.

Câmara do Barreiro
dá o exemplo

Por iniciativa da Câmara Municipal do Barreiro começaram a ser enviados para os diversos municípios do país projectos-tipo de equipamento existentes, na louável tentativa de melhorar o aproveitamento dos recursos disponíveis.



Os projectos enviados, já devidamente medidos e orçamentados, de modo a permitir a sua inclusão em obras programadas, referem-se a infantários, creches, mercados, banheiros e um centro sociocultural.

Esta importante iniciativa, tomada por uma Câmara democrática, poderá vir a ser, se compreendida, bem acolhida pelos restantes municípios, um primeiro passo para a mais fácil resolução dos problemas locais.

O CDS não gosta dos Bombeiros
de Miranda do Douro

A população de Miranda do Douro corre o risco de ficar privada dos serviços dos seus Bombeiros Voluntários, a partir de hoje, caso não se resolva o diferendo existente entre aquela corporação e o presidente da Câmara desta localidade.

O problema surgiu devido ao facto de continuar por definir o local onde os bombeiros poderão guardar o material de que dispõem tendo-se agravado quando os mesmos se decidiram a ocupar um edifício há muito abandonado. O presidente da Câmara, do CDS, opôs-se à ocupação, chegando mesmo a apelar os bombeiros de bandidos, ladrões desconhecidos, garotos e subversivos.

Os Bombeiros Voluntários, que existem para servir a população, não gostaram de ser tratados como marginais, tanto mais que continuam a ver o seu problema por resolver. Responsabilizando o presidente da Câmara Municipal pelo que possa vir a suceder, os bombeiros decidiram, a partir de hoje, comunicar à Câmara todos os serviços para que venham a ser chamados, para que esta os execute.

Será que o presidente centrista pensa poder apagar fogos com mocas de Rio Maior?

O PS na Câmara de Loures
não discute moções progressistas

Numa reunião da Câmara Municipal de Loures foi apresentada uma moção condenando as acções terroristas, a libertação e o elogio dos pides, bem como a apologia do fascismo feita por certa imprensa, incluindo a estatizada que é paga com o dinheiro do povo.

Os vereadores socialistas insurgiram-se vivamente contra tal moção, considerando-a um «ataque frontal ao Governo Constitucional e ao Partido Socialista» e integrada numa campanha para o «derube de um governo de esquerda».

Uma dúvida se coloca, perante tal atitude: se o governo é de esquerda, como se pode sentir atacado com a condenação da política da direita?

Por outro lado, como podem os vereadores do PS dizer que a Câmara «não é o local indicado para a discussão de moções como a presente»? Será que um «governo de esquerda» não está interessado em que nos órgãos de poder local se discuta a defesa da Revolução?

CAMPANHA

PONTO POR PONTO

NO CENTRO DO LIVRO E DO DISCO

PONTO POR PONTO

vale 50% de desconto nas POPULARES LIVRARIAS

Festa do Avante!

Contra o desemprego em massa

OS TRABALHADORES DA MDF OPÕEM UM DIQUE À ONDA DE DESPEDIMENTOS

O Governo é desafiado a discutir publicamente com as CTs da Metalúrgica Duarte Ferreira os projectos de reconversão da empresa.

A natureza desumana do capitalismo continua a revelar-se na onda de despedimentos promovida e autorizada pelo Governo do PS. Só porque é forte e humano o dique que lhe opõem os trabalhadores organizados é que não tem ido mais longe essa "onda socialista". Quando o grupo dirigente do PS e do Governo tenta por todos os meios dividi-los, a classe operária e as restantes classes trabalhadoras apresentam-se cada vez mais unidas na defesa dos seus direitos.

Um exemplo de ponta, pelo volume dos despedimentos que para ela programou o Governo do PS, é o caso da Metalúrgica Duarte Ferreira (MDF). Na última terça-feira, em conferência de Imprensa, as Comissões de Trabalhadores dessa grande empresa intervencionada repetiram, mais uma vez, que "os trabalhadores da MDF resistirão até ao limite das suas forças contra os despedimentos colectivos" e procurarão, por todos os meios, "reforçar a união dos seus esforços e capacidades com o esforço e a capacidade de todos os trabalhadores portugueses" contra esses despedimentos, "contra as leis inconstitucionais que o Governo arranje com suporte da sua política de traição que pretende impor, mas não conseguirá!"

Não são palavras no ar estas que se ouviram aos legítimos representantes de 2700 trabalhadores. Representam a realidade da luta diária, das tentativas constantes e insistentes junto dos órgãos do poder, da apresentação de propostas fundamentadas que têm esbarrado na incapacidade técnica e política do Governo para dar a solução constitucional adequada à MDF, salvaguardando os direitos inalienáveis dos trabalhadores.

Enquanto os organismos governamentais interessados se dedicavam a "brincar aos estudos" — para usar a expressão de um documento aprovado em plenário — e a boicotar a aplicação dos projectos da MDF, os trabalhadores chamavam a si a fabricação de elos TITAN, para a própria TITAN; um contrato MDF/TITAN para fabrico de rebocos e semi-reboques; a fabricação significativa de aparelhos de via para a CP; a montagem, por acordo MDF/FIAT/J.J. Gonçalves, de mais de meio milhão de viaturas por ano; importantes encomendas dos novos países de língua portuguesa.

oferecidos a qualquer empresa não nacional para que deles retire os proveitos em detrimento do interesse nacional;

— qualquer base de entendimento com a nova CA, a nomear pelo Governo, passa pelo o comprometimento desta no aceitar os princípios aqui afirmados;

— se a nova CA os não aceitar, não estarão minimamente criadas as condições para qualquer cooperação dos trabalhadores da MDF com aquela.

UM DESAFIO JUSTO E JUSTIFICADO

"Desafiamos o Governo — afirmaram as CTs na conferência de Imprensa — a discutir publicamente conosco a sua afirmação de que a Comissão Administrativa actual degradou a firma". Desafiamos ainda "o MIT e o Governo todo e publicamente discutir conosco as duas propostas para a reconversão da empresa — a nossa e a deles". Se não aceitarem, teremos que concluir, disseram ainda os trabalhadores, que o Governo

mais cerca de 650 000 contos provenientes da gama tradicional, possibilitaria à MDF uma facturação anual superior aos dois milhões de contos;

5 — a concretização dos projectos possibilitaria ao País uma poupança de divisas da ordem do milhão de contos;

6 — que a concretização dos projectos possibilitaria, para além da MDF, o preenchimento de muitos postos de trabalho em muitas outras empresas nacionais.

A MDF não é um caso isolado. A política de despedimentos aí ensaiada visa estender-se a outras empresas, além das que já foram tão duramente atingidas. Os trabalhadores dessas empresas terão de reforçar cada vez mais a solidariedade, não temendo as ameaças do Governo e mantendo a unidade contra os despedimentos — sejam eles um, cem ou mil.

O desemprego em massa ronda todas as empresas "em relação às quais o Governo não tem capacidade técnica nem política para dar solução constitucional adequada, salvaguardando os legítimos e inalienáveis direitos dos trabalhadores" — afirmam as CTs da MDF.

O apoio solidário aos trabalhadores da MDF é o apoio solidário a todos os trabalhadores portugueses, pois nenhum está livre de ser despedido de um dia para o outro, sem atenção pelo seu trabalho, sem atenção pela sua idade, sem atenção por nada daquilo que é mais caro ao homem e tem de ser defendido.

É nesse sentido que as CTs da MDF do Tramagal e de Lisboa vão iniciar imediatamente, com o apoio do Movimento Sindical, "acções tendentes a superar a situação e a denunciar a política de despedimentos maquijs que se pretende (que o Governo pretende) aplicar na MDF". Entre essas acções, que devem ser apoiadas, inclusive pelos trabalhadores da Informação, com relevo para a RTP e RDP (pois estes trabalhadores não se podem confundir com as direcções dos órgãos onde trabalham) incluem-se: contactos constantes e insistentes com os órgãos do poder constituído, a todos os níveis (incluindo o local); promoção de um abaixo-assinado a apresentar à população, como apoio à luta da MDF; realização de uma ou mais conferências de Imprensa para desmascaramento da proposta governamental e defesa da reconversão apontada pela MDF; fatura de "panos escritos" para afixação no exterior dos locais de trabalho (no Tramagal deverão ser também afixados na estrada principal e nas de acesso); elaboração e distribuição de um comunicado informativo à população do concelho de Abrantes, cidade de Santarém e distrito de Lisboa, relativo à situação crítica da MDF, seus antecedentes e suas soluções; promoção de dois abaixo-assinados, para circulação interna, tendo em vista o pedido de audiências urgentes aos Presidente da República e Primeiro-Ministro; assegurar as ligações com todas as organizações representativas de trabalhadores nacionais possíveis, no sentido de se conseguir o seu apoio e iniciar uma acção unitária contra os despedimentos propostos para a MDF e para o País.

Solidários entre si e com o apoio que merece a justiça da sua luta, os trabalhadores da MDF continuarão a opor todos os esforços contra o despedimento colectivo patrocinado por um Governo que se diz constitucional, mas que trai a Constituição

prometendo, inclusive, os projectos MDF a empresas multinacionais e prejudicando gravemente a economia do

País ao boicotar a substituição de importações por mercadorias de fabrico nacional.

Trabalhadores da L. P. Mendonça

UM CASO EXEMPLAR DE DETERMINAÇÃO E FIRMEZA

A Luís Pedro Mendonça está "legalmente" entregue ao antigo patrão desde 28 de Fevereiro findo. Este favor do Governo PS a um dos "empresendeiros" que em 1974 e 1975 abandonaram os trabalhadores à sua sorte, saindo à pressa para o Brasil "em negócios", continuava sem efeitos práticos no princípio desta semana, pois o patrão beneficiado com a desintervenção não ocupara ainda nessa altura as suas funções na empresa que tem actualmente 86 trabalhadores com uma maioria — cerca de 70 por cento — de operárias que fabricam material telefónico. Oficialmente sem gestão desde Fevereiro, a fábrica que fica no lugar de Anala, em Santa Iria de Azóia, tem sido mantida em plena laboração pelos trabalhadores organizados, tendo à frente a Comissão de Trabalhadores por eles eleita e que legitimamente os representa.

Joaquim Fernando Rodrigues Caco, um trabalhador com 15 anos de casa, assegura-nos que a empresa tem toda a viabilidade económica, como o período de intervenção suficientemente demonstrou. "Assim a gente consiga trabalhar" — disse-nos, lembrando que o patrão, chorado em termos do "antigamente" pelo jornal "O Dia", abandonou a empresa, sem uma palavra de aviso aos trabalhadores, quando sentiu que ela estava prestes a afundar-se. Hoje, o único problema é a falta de matéria prima e de credencial para a CT poder movimentar dinheiro.

O regresso do patrão é uma questão entre ele e o Governo. Os trabalhadores não precisaram nem precisam do patrão para nada. No período de intervenção do Estado, que começou em 10 de Novembro de 1975, a unidade dos trabalhadores foi exemplar e fortaleceu-se ainda mais depois de o Governo PS ter decidido devolver a firma ao patrão. Forte também é a solidariedade da classe operária de Santa Iria de Azóia perante a luta das trabalhadoras e dos trabalhadores da Luís Pedro Mendonça, apoiada pelo Movimento Sindical, no sentido de a empresa ser integrada nos CTT/TLP, o principal cliente dos produtos da fábrica.

Sem concorrentes e sem patrão, pois a firmeza dos trabalhadores não sofre quebras, como ainda na última terça-feira foi demonstrado em plenário depois de mais uma tentativa fracassada de dois delegados do patrão para entrarem na fábrica, a Luís Pedro Mendonça interessa sobremaneira à economia nacional, mantendo-se sem o patrão integrada nos CTT/TLP, preservando das ameaças patronais a garantia de emprego para todos

os trabalhadores e aumentando, pois é possível fazê-lo, os postos de trabalho.

A CT tem números na mão. Números certos e acessíveis a quem quiser. Os trabalhadores conhecem esses números da gestão que esteve a seu cargo. E conhecem também os números da escrita do patrão. Sabem como a empresa pode progredir — como progrediu — sem ele. Por isso afirmam: "Aqui não entra o patrão", mesmo que nos ameacem com a cadeia, como já sucedeu. "Temos a razão do nosso lado — a razão com provas dadas da nossa capacidade de fazer avançar a empresa para nosso bem e para bem da economia do País."

Os esforços dos trabalhadores não podem ser anulados por um despacho cego dos senhores ministros. Os trabalhadores são, neste momento, o principal credor da empresa. Muito do que a fábrica progrediu, o próprio facto dela se ter mantido tanto tempo sem qualquer apoio oficial, deve-se ao facto de os trabalhadores, homens e mulheres, terem disposto de parte do seu salário para isso, investindo tudo o que podiam

Novo secretariado da USVR

CONTINUAR A LUTA CONTRA O CACIQUISMO E A DIVISÃO

O novo secretariado da União dos Sindicatos de Vila Real (USVR), eleito por onze associações sindicais que representam cerca de 68 por cento dos trabalhadores sindicalizados em todo o distrito, propõe-se continuar «a luta pelo reforço e desenvolvimento da unidade dos trabalhadores e do Movimento Sindical, na sequência das resoluções do Congresso de Todos os Sindicatos», aprovadas de 27 a 30 de Janeiro findo, em Lisboa.

Os sete dirigentes, eleitos no último sábado por onze sindicatos, representam várias correntes de opinião e os sectores socio-

-profissionais mais importantes do distrito. Segundo o seu programa de acção, o secretariado da USVR está consciente das dificuldades da missão que aceitou e a qual se dedicará com o «melhor espírito de militância sindical», pronto a «todos os sacrifícios pessoais para atingir os objectivos propostos».

Todavia, a sua acção só terá êxito «se pudermos contar com a melhor compreensão e colaboração estreita e activa das direcções dos sindicatos que representam os trabalhadores de Vila Real» — acrescentam aqueles dirigentes, que actuarão numa zona «onde as forças

reaccionárias impõem o caciquismo e fomentam a divisão entre os trabalhadores para prosseguirem a sua política de exploração».

NOVA UNIÃO EM SINES

Cerca de 93 por cento dos trabalhadores sindicalizados dos concelhos de Sines e Santiago do Cacém aprovaram, através dos representantes de 17 sindicatos, os estatutos e o regulamento constituinte de uma União Sindical a formar naquela zona.

A DESINTERVENÇÃO É ILEGAL

A CT requereu recentemente que fosse anulado o despacho de desintervenção por a considerarem ilegal. Enviado ao Primeiro-Ministro, esse documento alega, entre outras razões, o facto de os trabalhadores da empresa não terem sido ouvidos no acto da desintervenção como manda a lei fundamental do País e como está previsto no Decreto-Lei 422/76. Além disso, não foi efectuada qualquer inspecção à contabilidade da empresa por parte das Finanças durante o período da intervenção, contrariando assim o que determinava o respectivo despacho. Os trabalhadores continuam à espera da resposta a esse requerimento. Mas mantêm a disposição Inquestrável — como afirmam num comunicado à população — de continuar a opor-se à "devolução da empresa ao patronato, pela defesa da economia nacional, pelo direito ao trabalho e pela defesa do 25 de Abril", insistindo para que o Governo cumpra a Constituição e ouça a razão dos trabalhadores em luta, "para que o produto do seu esforço sirva os interesses nacionais".

Os trabalhadores — prossegue o comunicado — "abdicaram do cumprimento da Portaria dos Metalúrgicos, recebendo abaixo do seu valor; laboraram voluntariamente sábados, domingos e feriados, por vezes de noite, para cumprir os prazos de entrega (140 mil novos assinantes dos telefones dependem do seu esforço); não permitiram o encerramento da empresa abandonada pelo patrão; criaram alguns novos postos de trabalho".

TUDO ISTO PARA QUÊ?

Para opor à sabotagem da economia nacional a consciência dos trabalhadores organizados; para evitar o aumento do desemprego; para satisfazer necessidades urgentes que nenhuma outra empresa nacional está em condições de satisfazer; para cumprir compromissos assumidos, inclusive, com o estrangeiro; para uma solução que respeite o direito ao trabalho

e contribua para a autêntica recuperação da economia nacional.

O Governo tem conhecimento da situação da empresa. O Governo sabe como os trabalhadores actuaram. O MIT sabe que o patrão não está de modo nenhum interessado em revitalizar a vida da empresa. Um relatório recente da CT demonstra isso mesmo, aliás reconhecido a nível oficial.

A empresa corre riscos muito sérios, mas não por culpa dos trabalhadores. Os riscos advêm da próxima impossibilidade de fabricar seja o que for por falta de matéria-prima; da falta de pagamento de encomendas; do facto de faltar o dinheiro para um mínimo de salários, necessário à subsistência dos trabalhadores. Mas estes não perdem a confiança. Não perdem a capacidade de lutar.

BOICOTE E PRISÃO

O próprio Gabinete de Relações de Trabalho do Ministério dos Transportes e Comunicações, num parecer de 2 de Maio findo, cerca de dois meses depois do despacho de desintervenção, reconhecia:

"1.º — A empresa começou a lutar com falta de dinheiro para a aquisição de matérias-primas e de um boicote sistemático do sr. Luís Pedro Mendonça às firmas que lhes forneciam as mesmas. Já existem determinados produtos parados, que não se podem entregar nos prazos pedidos. me

"2.º — Os TLP's só têm stock de peças para as instalações até Junho, e assim a partir desta data ficarão paradas as instalações a efectuar.

"3.º — Se por acaso e eventualmente os trabalhadores

deixassem de trabalhar por falta de matérias-primas, teríamos de importar todas as peças em questão, porque mais nenhuma empresa em Portugal fabrica as peças.

"Por outro lado, mesmo que as peças se pudessem importar (o que duvido) elas não teriam as condições específicas das que estão a ser feitas pela empresa Luís Pedro Mendonça, uma vez que foram os nossos técnicos (CTT/TLP) que fizeram e adaptaram todo o sistema às nossas condições específicas.

"4.º — De tudo o que acima ficou exposto sou do parecer que:

"a) O senhor Luís Pedro Mendonça fez o abandono puro e simples da empresa, e pelo o qual não mais terá direito a ela.

"b) Ao abrigo do Decreto-Lei n.º 422/76 a empresa deve ser intervencionada pelo prazo máximo de 120 dias para estudo da situação.

"c) Após o estudo efectuado a empresa pode ter três soluções absolutamente viáveis:

"1.º — Integração nos CTT/TLP.

"2.º — Cooperativa a cargo dos trabalhadores ou autogestão.

"3.º — Nacionalização.

"d) O senhor Luís Pedro Mendonça deve ser preso pelo boicote que tem dado à Economia Nacional."

Este era, em Maio findo, o parecer de um organismo do Ministério dos Transportes e Comunicações. Os trabalhadores não exigem que o patrão seja delido. Mas exigem, isso sim, que as suas reivindicações, que são de interesse nacional, sejam discutidas, cientes de que não faltará "a quem de direito" pelo menos a lucidez suficiente para pôr termo a uma situação que parece interessar a uma pessoa — o patrão.

A PALAVRA DA VERDADE

De documentos aprovados pelos trabalhadores da MDF destacamos:

"... Que todo o País seja informado e tome consciência clara de que os trabalhadores da MDF não são (nem nunca foram) madraços parasitas vivendo à custa do País e do seu Povo (tão) contribuinte. Para que, em todo o País, se divulgue, com justiça, o honesto esforço desenvolvido pelos trabalhadores da MDF e a tração requintada posta em prática pelo Estado ao longo dos dois últimos anos... e agora.

"... Os trabalhadores da MDF, conscientes da validade do seu projecto de reconversão e do seu interesse para a construção da nova sociedade que, diariamente, se proclama, não se poupam a sacrifícios e estocamente suportaram longos, longos meses de espera, na dúvida do seu vencimento ser pago no final de cada mês, mas tudo fazendo no sentido da não degradação do ambiente social e de trabalho, sempre na esperança de um futuro que os não envergonhasse.

"... Os trabalhadores da MDF, sem greves, sem perturbações de trabalho, sem demagogia, habituaram-se a ver os projectos da sua empresa servirem de bandeira eleitoral do Governo e do seu próprio Programa, aprovado na Assembleia da República (como já anteriormente, no VI Governo, Pinheiro de Azevedo havia feito numa alocução transmitida pela RTP), óbvio reconhecimento público da validade que continham.

"... O Governo, não só não deu orientação à MDF no sentido de abandonar os projectos que propôs e estudar qualquer outra forma de reconversão possível, como sempre a motivou a insistir na espera desses projectos, promovendo-os, até, a projectos nacionais... do Governo".

portuguesa para camiões e máquinas agrícolas, tendo (documentado), a expressão, por parte desses países, do maior interesse numa intensificação em força de relações comerciais e de cooperação com a MDF; a criação de perspectivas comerciais significativas entre a MDF e os países do Norte de África; o aumento para o dobro da produção de material da gama tradicional.

É INSULTUOSO O PLANO DO GOVERNO

Fortalecidos na defesa dos seus direitos com a consciência do dever cumprido e do esforço conjunto e persistente na primeira linha da recuperação económica do País, os 2700 trabalhadores da MDF "não podem compreender, permitir ou aceitar o plano insultuoso agora apresentado pelo Governo" e afirmam que:

— não aceitam um despedimento que seja, ainda que, manhosamente, lhe chamem o que quiserem... armazém, situação especial de desemprego, suspensão, etc.;

— não permitirão que qualquer chefia, a qualquer nível, colabore com a "pídesca" escolha dos trabalhadores a despedir;

— não permitirão que os projectos por eles propostos para a sua própria reconversão sejam

não quer salvar a MDF, mas abrir as portas às multinacionais, criar um cada vez maior exército de reserva de mão-de-obra a baixo preço para satisfazer a Europa. Conosco e continuar a permitir que entrem no nosso País as máquinas para a agricultura e para outros fins que a MDF deveria e poderia fabricar.

Entre outros pontos, da proposta de reconversão dos trabalhadores consta:

1 — o fabrico nacional de tractores, camiões e máquinas agrícolas (celifreiras-debulhadoras, enfardadeiras e semeadoras);

2 — 3 anos após o lançamento dos projectos estariam criados 300 a 400 novos postos de trabalho;

3 — os projectos possibilitariam uma facturação anual da ordem do milhão e quatrocentos mil contos;

4 — que o momento desta facturação acrescido de

FALECEU UM CAMARADA

Vítima de acidente de viação ocorrido recentemente, faleceu o camarada António Manuel da Silva Barroso, de 44 anos, casado, pai de duas crianças e residente em Cortiçadas de Lavre (Montemor-o-Novo).

Este militante comunista, que gozava de grande simpatia entre a população, era membro da Comissão Local do PCP.

Ao longo da sua vida desempenhou, sempre com

determinação e firmeza, numerosas tarefas da luta política, tendo desenvolvido um amplo trabalho de dinamização no seio da organização local do nosso Partido.

A família, amigos e companheiros do comunista desaparecido, o colectivo do "Avante!", expressando os sentimentos de todos os camaradas, apresenta sentidas condolências.

Avante!

LÊ • ASSINA • DIVULGA

Nome: _____
Morada: _____
Localidade: _____
Freguesia: _____
Profissão: _____

Concelho: _____
Distrito: _____

deseja ser assinante do «Avante!» na modalidade assinalada, pelo que junta a quantia de Esc.:\$..... em cheque ou vale de correio n.º sobre _____
(Banco ou Estação de correio)

NOVA TABELA DE ASSINATURAS
(50 NÚMEROS)

	VIA NORMAL	VIA AÉREA
Continente, Ilhas e Espanha	270\$00	315\$00
Angola, Moçambique, Guiné, Cabo-Verde	270\$00	615\$00
Brasil	270\$00	665\$00
Países europeus (extra-Europa)	420\$00	500\$00
Outros países (extra-Europa)	420\$00	770\$00

(Recorte e cole num postal)

à venda

FESTA DO AVANTE!

1977

UMA FESTA PARA TODA A GENTE

PCP

NO CENTRO DO LIVRO E DO DISCO

Podes encontrar

● NOVOS LIVROS ● NOVOS DISCOS ● NOVAS CASSETTES ● NOVIDADES EM BUGIANGAS ● POSTERS ● ARTESANATO ● SELOS ● MEDALHÍSTICA ● A TOMBOLA MAIS ALEGRE DA FESTA ● A GRANDE CAMPANHA "PONTO POR PONTO" ● SESSÕES DE AUTÓGRAFOS POR ESCRITORES E MÚSICOS PRESENTES ● E MUITAS OUTRAS SURPRESAS

NÃO FALTES

na Festa do Avante!
o Centro do Livro e do Disco espera por ti

TODO O PAÍS E TODO UM POVO NUMA FESTA SEM IGUAL O NORTE EM FORÇA NO JAMOR

No topo sul da pista central, a multidão que convergir para o Vale do Jamor encontrará uma memória da vida, luta e trabalho do povo do Norte construído pelo esforço criador de milhares de camaradas da Organização Regional do Norte. O pulsar do movimento popular, as suas acções mais significativas, os objectos e alimentos mais característicos da região estarão presentes na área destinada à ORN nesta segunda edição da Festa do órgão central do PCP.

De há uns tempos a esta parte, as energias de muitos milhares de comunistas estão dedicadas à preparação da festa. Cada camarada tinha a sua missão a cumprir no âmbito de uma complexa cadeia de tarefas. Na véspera da abertura, o cansaço e a satisfação são — pode dizer-se — as duas tónicas dominantes de que se empenharam em contribuir para mais esta inesquecível jornada promovida pelo "Avante!" no grandioso cenário do Jamor.

Vamos agora falar um pouco do muito que os camaradas da ORN vão mostrar aos que penetrarem no interior do seu pavilhão de exposições, que ocupa uma área coberta de cerca de 940 metros quadrados. À entrada, na zona da DORN, grandes painéis fotográficos e quadros documentam as frentes de trabalho de massas — o movimento operário, sindical e camponês, o trabalho nas

autarquias locais e nas comissões de moradores e colectividades, e ainda o desenvolvimento do Partido no Norte. Ali estão imagens vivas do 1.º de Maio, do 22 de Junho e de outras importantes acções de trabalhadores: reuniões de rendeiros e de pequenos e médios agricultores, um quadro eléctrico que ajuda a interpretar os resultados eleitorais e mostra o grande avanço da FEPU no Norte, um outro, com 20 perguntas e respostas que permitem um conhecimento mais profundo das grandes frentes de luta e um painel dedicado ao desenvolvimento da organização do Partido.

Ainda na zona da DORN, vai funcionar uma sala de projecções e de sessões de esclarecimento com um programa contínuo durante a Festa. Serão projectados vários filmes, nomeadamente "O Rendeiro", um outro sobre os assaltos aos centros de trabalho de Braga e Ponte de Lima, dois documentários sobre o 1.º de Maio de 1974 e de 1977 e ainda outros sobre iniciativas do PCP. Vai ser apresentado um diorama e funcionará um circuito interno de televisão. Completando as informações fornecidas, realizam-se duas sessões de esclarecimento, no sábado, e duas no domingo, orientadas por camaradas da DORN.

Estarão igualmente representadas no Pavilhão de Exposições as organizações dos cinco distritos do Norte. Na zona do distrito do Porto estarão presentes

o Comité Local do Porto, os Comités dos metalúrgicos, têxteis e grandes serviços, as concelhias de Gaia, Matosinhos e Gondomar e as restantes do distrito que integram a organização interconcelhos.

Na zona de Viana, estarão presentes, com grande destaque, a cidade e as células das duas maiores empresas do distrito (Estaleiros Navais e Celnor). Imagens expressivas da vida do povo e da difícil luta dos comunistas poderão ser observadas na zona dedicada aos distritos de Vila Real e Bragança. Por último, na do distrito de Braga estarão presentes organizações concelhias e aspectos da luta dos têxteis, dos camponeses e das mulheres.

TRINTA MIL PEÇAS DE ARTESANATO

Depois de terem observado aspectos significativos da vida e luta do povo do Norte, os visitantes poderão obter óptimos exemplares do artesanato da região. Entre as trinta mil peças presentes, a escolha dos eventuais compradores pode recair sobre objectos de barro de Barcelos e da louça negra de Visalhães, lenços e bordados de Viana, camisolas poveiras, rendas de bilros de Vila do Conde, bordados da Lixa, artesanato de madeira, cestas e vimes e outros objectos do

Minho. Ou, ainda, saborear alheiras de Mirandela, vinhos, queijos e aguardentes. Há de tudo e a bom preço. Por outro lado, os que desejem testar a sua sorte, terão o ensejo de o fazerem num stand especial onde sai sempre alguma coisa.

E como vai ser quanto a "comes"? perguntarão os que não desejando perder pitada projectam comer no recinto. Para estes há muitas e boas novas. Senão vejamos: o caldo verde, as papas de sarrabulho, as tripas à moda do Porto e os rojões à moda do Minho estarão à sua espera no restaurante do Norte, instalado próximo do palco n.º 1 e que tem dois mil lugares por refeição.

Se os pratos são o que se sabe, a garrafeira não lhes fica atrás. Podemos assegurar terem sido escolhidos alguns dos melhores vinhos da região. Os interessados podem adquirir as senhas para as refeições a partir das 9 horas da manhã. Como o restaurante funcionará em regime de "self-service", se as senhas forem compradas com antecedência não haverá bichas.

Tal como no ano transacto, haverá nas imediações do restaurante Norte um stand de venda de vinho do Porto ao cálice e à garrafa e que também terá máquinas de café em funcionamento contínuo. Para os sequeiros, foi instalado um bar com sangria e sumos que servirá igualmente refeições ligeiras.



Jovens de Grândola preparam objectos de artesanato para serem vendidos no Jamor

O QUE NOS VEM DO ALGARVE?

O entusiasmo pela Festa do "Avante!" continua a manifestar-se sob as mais diversas formas e através de muitas iniciativas e vibrantes participações.

Grande tem sido a actividade no Algarve. De lá virão dez camionetas e dezenas de carros para transportar os muitos e muitos camaradas interessados em participar na Festa do "Avante!"; muitos mais virão de comboio e outros

transportes, marcando uma presença maciça.

Entretanto informa-se que no "Pavilhão do Algarve" se poderá encontrar:

Cervejaria com esplanada e grande variedade de petiscos (moreia, estopeta de Vila Real de St.º António, presuntos de Monchique, carne de porco com amêijoas, amêijoas à cataplana, etc.); mariscos (gamba, percebes, amêijoas, berbigão e caranguejos),

sandes, cerveja a copo e vinho da região; sardinha assada; Café, medronho, folhados de Loulé e bolos de amêndoa; pequenos almoços.

Artesanato, loiças, cortiças, lãs, empreitas, etc., vinho, figos amêndoados, alfarroba, batata doce assada, bolos, conservas, mel, doce de tomate, vinhos, aguardentes e licores da região.

— "Stand" político com

exposições.

Variedades no palco Bela Mandil com os ranchos folclóricos da Juventude de Faro, "Grupo Abril", conjuntos "Praxis" e "Gente Nova", canções por Joaquim Rogério, etc.

Quermesse, sorteios (8 dias de férias no Algarve para casa).

Sem dúvida que o "Pavilhão do Algarve" é um bom local para se marcar encontro!

DOS CAMPOS DO ALTO ALENTEJO AO CAMPO DO JAMOR

No domingo passado sucedeu, de facto, tal como noticiáramos, que parte do Jamor foi ocupada por trabalhadores alentejanos... Dos campos do Alto Alentejo, mais concretamente do concelho de Avis, até ao campo do Jamor, vieram cerca de 60 trabalhadores de UCPs e cooperativas agrícolas.

«A camioneta não dava para mais. Foi uma tristeza ver ficar camaradas que se tinham levantado às 4 horas da manhã, depois de só terem passado pelas brasas, à espera de um lugarzinho. Só em Montargil ficaram ali uns 20 em terra!»

Os que vieram trocando, por um dia, os trabalhos da apanha de tomate e do pimento e da resagem da cortiça, tarefas que mais os ocupam nesta época, não escondiam o espanto nos olhos e nas palavras:

«Dizem que isto era quase um deserto e agora a gente cega e vê já uma cidade! Que nós fizemos no Alentejo, mudando herdades cheias de rato em terras de pão, está-se a fazer aqui neste terreno!»

PALCO DO ALENTEJO

Na zona reservada à Direcção da Organização Regional do Alentejo (DORA), na Festa do "Avante!", funcionará um palco em que actuarão o Coro dos Mineiros de Ajustrel, o Coro de Vale de Vargo, os Pioneiros de Pias, Rui Gomes e o Coro da Aldeia Nova de S. Bento. As actuações serão distribuídas pelos três dias da Festa.

Sublinhe-se que este é apenas um dos palcos "regionais" em actividade, pois que todas as outras ORs terão igualmente os seus espaços reservados para o mesmo efeito.

«Mas tu já observaste lá de cima — dizia um outro trabalhador —, parece mesmo um formigueiro. Tudo trabalha, minha gente.»

Um outro camarada de uma UCP de Avis, já entrado nos anos, mãos arranhadas no trabalho de carregar e pesar cortiça, confessava:

«Coisa assim como esta nunca eu vi na minha vida. Isto é bem o retrato do que os comunistas podem fazer do País: dar vida a um deserto com um trabalho que não tem em mira o ganho, com um trabalho que vem cá do coração da gente!»

Na vasta área que será ocupada pela representação dos pavilhões da Reforma Agrária, era tempo de trabalho e de poucas falas. O calor apertava, quase tão quente como nos campos do Alentejo. O ritmo não abrandava e era ver camaradas que, toda a vida, labutaram nos campos, a fazer com mestria trabalhos de carpintaria, montando as mesas para o restaurante da Reforma Agrária, revestindo pavilhões, alisando o chão com as enxadas. Durante as pausas, algum arrancava do cesto do famel uma gorda melancia, e era hora de pequena pausa, em que as conversas voltavam a girar em torno do que vai ser a presença da Reforma Agrária na Festa do "Avante!".

Por ora não é de desvendar muitos dos segredos desta presença mas, levantando uma ponta do véu, podemos já dizer que além da gigantesca venda de produtos que noticiamos noutra local, haverá exposição de máquinas, uma exposição política sobre os avanços e dificuldades encontrados no processo da Reforma Agrária, venda de artesanato, um restaurante próprio com petiscos à moda

das regiões, e um belíssimo monumento sobre a luta pela terra a quem a trabalha:

«Procurámos que a representação da região de intervenção da Reforma Agrária, seja a imagem, ainda que pequena, das nossas realizações e da nossa luta, tanto no aspecto da produção como no da organização e da solidariedade. A nossa venda de produtos não é feita para nos resolver problemas de escoamento e de comercialização mas é mais uma prova de como todos os trabalhadores beneficiariam, sem o corpo parasita dos intermediários que nos campos e nas cidades roubam aos trabalhadores o resultado do seu suor. É mais uma prova de como toda a gente trabalhadora ficava a ganhar, a economia e a nação tinham mais fartura, se o Governo olhasse pela Reforma Agrária em vez de procurar destruí-la. É ainda uma prova da nossa resistência, da nossa vontade de continuar a luta, do nosso desejo de nos unirmos mais com todos os outros trabalhadores na defesa do processo democrático.»

A CALDEIRADA ALENTEJANA NÃO DESILUDIU A EXPECTATIVA

Na hora do almoço, sucedeu a grande revelação já aqui anunciada: a caldeirada alentejana, que de facto promete rivalizar com a caldeirada dos camaradas de Peniche, nada ficou a dever à expectativa tanto em qualidade como em quantidade. Aliás esta caldeirada é já célebre: com ela se abriram, no concelho de

Avis, as iniciativas para a Campanha dos 50 000 contos e, durante o período de mobilização para a nossa Festa, em Campo Maior, à caldeirada constituiu uma fonte de fundos das mais proveitosas. Diga-se, em abono da verdade que, pelo menos em Campo Maior, a caldeirada conta com as mãos de mestre de uma camarada que foi pescador... Mas quanto à caldeirada feita pelos camaradas da terra de Avis, que perfume, no passado domingo, o Estádio do Jamor, não conseguimos desvendar o segredo...

Já passava das 20 horas, quando sucedeu o regresso do campo do Jamor para os campos do Alentejo. No dia seguinte, esperava-se os trabalhadores de Avis um outro dia de trabalho. Depois de trabalharem todo o sábado, de terem partido, domingo, por volta das 4 horas da manhã para uma viagem em camioneta de carga onde o frio e o desconforto não os pouparam pela madrugada, de trabalharem, no duro, durante todo o dia no Jamor, chegaram às suas terras por volta da meia-noite. Mas apesar do cansaço, a alegria dava-lhes novo alento.

A alegria por terem unido as suas mãos num domingo de trabalho a quantos erguem a cidade da Festa do "Avante!" Alegria que perdurará, mesmo entre aqueles que não poderão vir porque a "apanha do tomate não deixa" ou porque o dinheiro não dá para a viagem de toda a família, mas que em terras do Alentejo lutam para que a Festa do "Avante!" seja todos os anos a expressão do que os comunistas podem realizar com o seu trabalho, o seu espírito de militância e a sua vontade revolucionária.

Todo o mundo do distrito de Lisboa na Festa parece ser o lema que presidiu à participação da DORL na Festa do "Avante!". Com efeito no espaço do Vale do Jamor que lhe foi destinada, a região de Lisboa está amplamente representada com as suas múltiplas actividades, a sua realidade sociopolítica, até os seus artigos mais representativos.

Vejamos um pouco mais detalhadamente o que os milhares de pessoas que acorrerem ao Jamor poderão ver no espaço da DORL. Em primeiro lugar saliente-se a existência de um "stand" central da DORL no qual está bem patente a imagem das actividades desta organização do nosso Partido em vários campos. Neste "stand", que foi concebido por alguns dos

O POVO DA REGIÃO DE LISBOA NA GRANDE FESTA

melhores artistas plásticos portugueses, realizar-se-ão diversos colóquios sobre temas vários, nomeadamente nacionalizações, controlo operário, autarquias e poder local, que contarão com a presença de destacados especialistas desses temas. Saliente-se ainda a exibição de filmes sobre as conquistas da Revolução, sobre alguns dos mais importantes momentos do processo revolucionário e da vida da DORL. Prevê-se ainda a projecção de "slides" sobre a actividade do Partido na região de Lisboa.

O "stand" central da DORL inclui uma banca para venda e recepção dos visitantes.

Outro interessante sector deste "stand" será aquele dedicado à SIP da DORL, no qual se procurará dar uma imagem da actividade de

informação e propaganda no distrito de Lisboa.

Num palco instalado na área destinada à DORL actuarão artistas que mais assiduamente têm vindo a colaborar com a DORL na actividade política do Partido. Por outro lado, todas as organizações concelhias da ORL estão representadas através de numerosos "stands", bem como o Comité Local de Lisboa, cuja área inclui as representações de células de empresas e de freguesias e sectores profissionais.

Outros três "stands" albergarão três importantes sectores da actividade da DORL do PCP: o sector público, o sector dos transportes e o sector intelectual. Neste último terão lugar diversas realizações.

Foi ainda o trabalho de organizar excursões para a Festa. Enfim, com a capacidade de organização que é própria dos comunistas,

foi pôr a Festa em marcha, cumprindo as tarefas previamente estabelecidas.

A acrescentar a tudo isto, há ainda que destacar a venda militante das EPs, tarefa primordial para o pleno êxito da nossa Festa.

Do que acima fica dito se poderá já ter uma ideia do que vai ser a presença da DORL na Grande Festa. Todos lá estaremos para ver como os trabalhos preparatórios vão nascer realidades e iniciativas a não esquecer!

Mas a participação da DORL na Festa que amanhã se inicia não se limitará a isto. Algumas das iniciativas da Organização Central da Festa estão a cargo da DORL. Tais são os casos, nomeadamente, do Retiro dos Fados e da Cervejaria.

Uma presença em força da DORL na Festa, que é uma presença em força do nosso Partido, que é, no fundo, uma presença em força do povo da região de Lisboa.



Era o calor das tardes todas as tardes; era a expectativa de criar a Festa do nada; era o aguardar alegre e confiantemente pelo início da Festa. Mas não era — nunca foi — o cansaço, apenas a pausa para recomeçar.

Foi assim durante dias, durante muitos dias, no Vale do Jamor, com homens e mulheres, jovens e, até, crianças. Muitos deles — todos eles — estarão lá amanhã, conosco, com a Festa, naquela paisagem que transformaram diariamente, apenas com curtas pausas por causa do intenso calor das tardes...

OS TRABALHOS PREPARATÓRIOS NA DORL

A Festa, o grande acontecimento cultural, recreativo e político que amanhã se inicia no Vale do Jamor, é o produto do trabalho dedicado de milhares de comunistas, da imaginação criadora das massas trabalhadoras, do novo Portugal democrático saído do 25 de Abril.

Pode dizer-se que todas as organizações do Partido prepararam cuidadosa e intencionalmente a Festa; foi o que aconteceu na Organização Regional do Oeste e Ribatejo.

Foi o trabalho de planificar a apresentação dos "stands" e a escolha dos objectos que neles serão expostos, bem como dos temas que estarão referenciados num "stand" de natureza política; foi o trabalho de encontrar atracções para o palco destinado à DORL; foi o trabalho de recolha de produtos para serem vendidos num restaurante, num bar e numa quermesse.

Para este efeito, diversas campanhas foram organizadas, nomeadamente as de fundos para o pavilhão, a campanha do frango, a campanha do coelho, a campanha do porco, a campanha do talher, a campanha do prato e a campanha dos objectos para a quermesse.

Foi ainda o trabalho de organizar excursões para a Festa. Enfim, com a capacidade de organização que é própria dos comunistas,

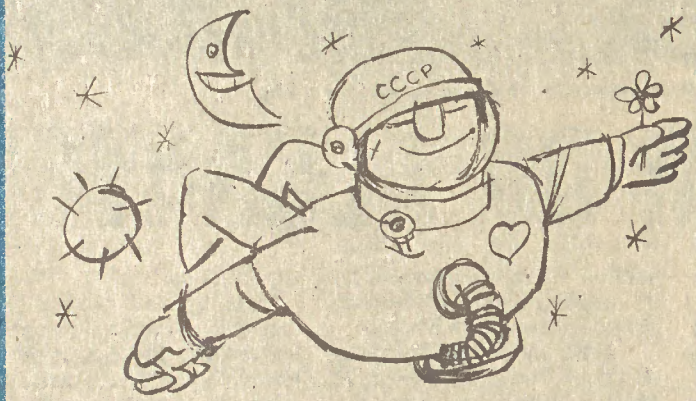
TREZE RAZÕES PARA ESTAR PRESENTES

1 A CONQUISTA DO ESPAÇO

O comandante das missões espaciais «Soyuz-5» e «Soyuz-21», coronel Boris Volinov, é um dos convidados especiais que amanhã estarão no Vale do Jamor.

Ambos os voos espaciais deste Herói da União Soviética ficaram assinalados pela realização de experiências pioneiras na história da cosmonáutica: a junção manual de duas naves, numa vez, e a passagem de uma nave para outra a curta distância da Terra.

No decurso dos três dias da Festa, haverá diversos actos públicos que contarão com a presença do coronel Boris Bolinov.

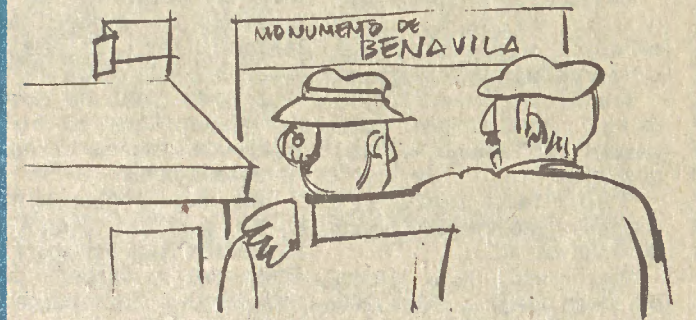


4 MONUMENTO DE BENAVIDA

Vale do Jamor, Praça Catarina Eufémia. Reforma Agrária, claro, um dos temas centrais da Festa do «Avante!». Ali, nesses escassos metros quadrados, um monumento se vai erguer, homenageando a luta dos heróicos trabalhadores agrícolas do Alentejo e Ribatejo.

Trata-se de uma cópia em tamanho natural do projecto elaborado pelos artistas plásticos comunistas para ser construído em Benavila, na UCP «21 de Fevereiro». O projecto não pode ir para a frente, porque o MAP desanexou o terreno onde a obra — já conhecida por Monumento de Benavila — se iria implantar.

Por isso, está cópia em tamanho natural no Vale do Jamor. Na Praça Catarina Eufémia.



7 COLÓQUIOS E DEBATES

A organização de colóquios como meio de aproximação cultural e de conhecimento, é tarefa que dentro do nosso Partido tem largas tradições.

Antes do 25 de Abril, quando esse trabalho teve de enquadrar-se nos limites apertadíssimos da legalidade fascista, os intelectuais e os artistas comunistas e de outras tendências democráticas tiveram acção de grande relevo cultural e político.

Embora pouco espectacular, essa acção deu frutos que hoje seria impossível ignorar.

Porque é necessário dar-lhe continuidade e porque uma festa organizada por comunistas não podia deixar de ser uma oportunidade para a reflexão e a troca de ideias, um pretexto para o amplo debate dos grandes problemas que a todos dizem respeito, a Festa do «Avante!» inclui a realização de diversos colóquios e debates públicos, abrangendo uma vasta gama de temas, desde a Reforma Agrária ao sindicalismo, passando pela economia, artes plásticas, cinema, teatro, literatura, etc.

Todas as sessões serão públicas e abertas à participação de quem queira intervir. Estarão presentes especialistas das diversas matérias em debate e dirigentes do Partido.



2 TEATRO E CINEMA

Sendo um grande acontecimento político e recreativo, a Festa do «Avante!» não podia deixar de constituir igualmente, um acontecimento de grande envergadura intelectual. Por isso, é de toda a justiça que nela figurem actividades cinematográficas e teatrais, pela enorme importância que tanto umas como outras exerceram, e vão com certeza exercer, na educação e vida do nosso Povo.

Vários e importantes filmes serão projectados no decorrer da Festa, entre eles alguns do grande realizador soviético e um dos mais destacados da cinematografia mundial, Serguei Eisenstein, cuja obra ainda hoje em dia continua a influenciar decisivamente todo o cinema que se reclama de uma prática materialista. Serão igualmente exibidos durante a Festa vários filmes de realizadores portugueses e um sobre o destacado dirigente comunista e herói do povo chileno, Luís Corvalán, secretário-geral do PCC.

Quanto ao teatro teremos entre nós alguns dos mais importantes agrupamentos teatrais e amadores do nosso País, bem como encenadores, actores e outros trabalhadores de teatro de grande destaque na vida artística do nosso País. Uns apresentarão, num palco especialmente destinado para o efeito, as suas peças; outros apresentarão pequenos quadros de peças que têm em cena.

5 CENTRO DO LIVRO E DO DISCO



Os livros e os discos, os seus autores e o seu público em 1 400 metros quadrados, que vão constituir um onto de encontro para os visitantes da Festa. Um Centro do Livro e do Disco que será o encontro com a cultura e com as suas novidades, com as iniciativas mais recentes e marcantes que querem dizer também uma preocupação política correcta à medida da revolução que se vive e se defende.

As Edições «Avante!» levam a público duas iniciativas: o álbum «Uma Certa Maneira de Cantar», sobre a Reforma Agrária, com fotos e textos, e «Em Defesa da Reforma Agrária», edição que contém os debates sobre esta questão na Assembleia da República.

A Editorial Caminho, a nova editora que em apenas 5 meses publicou 19 livros e 15 autores portugueses, que edita regularmente as revistas «Poder Local» e «O Professor», apresenta na Festa as últimas novidades: «Estórias Alentejanas» de Urbano Tavares Rodrigues e «Tu Liberdade» de José Gomes Ferreira.

Haverá também as áreas reservadas ao livro estrangeiro, com a maior representação, entre nós, do livro cubano e cerca de 1 200 títulos soviéticos; a CDL; os editores portugueses; o disco; publicações e assinaturas.

Com um novo estilo de contacto, a própria venda mobiliza para o Centro do Livro e do Disco além dos distribuidores, os escritores, os tradutores, os revisores, os tipógrafos e editores. Sessões de autógrafos contínuas com a maioria dos escritores portugueses representados e outros nomes do estrangeiro.

Quanto ao disco, vai sair o «Zé Ferrugem» com a etiqueta «Mundo Novo» e uma novidade de Fernando Tordo, «Estamos Vivos» e muitos, muitos outros discos de artistas participantes na Festa.

A feira filatélica e medalhística, as tómbolas, são outras tantas razões para nos encontrarmos lá.

8 ARTES PLÁSTICAS E LITERATURA

Durante os três dias da Festa, estará patente uma grande exposição de Artes Plásticas, abrangendo a pintura, o desenho e a gravura (em pavilhão coberto) e a escultura (ao ar livre).

Este ano, os organizadores do certame resolveram destacar as obras de João Oghan (pintura), Bartolomeu Cid (gravura) e Jorge Vieira (escultura). Estes artistas serão, assim, os mais representativos na exposição.

Simultaneamente, serão promovidos alguns debates públicos onde estarão presentes vários artistas e críticos de Artes Plásticas.

Por seu turno a Célula dos Escritores da DORL organizou uma grande exposição de livros, que ultrapassa o quadro rotineiro das exposições literárias, abrindo-se a todo o tipo de comunicação feita pelos militantes do Partido através do livro.

O certame inclui obras de carácter técnico, científico, pedagógico, além da produção especificamente literária da ficção, poesia, ensaio, teatro e crítica.

No nosso País, é a primeira vez que se realiza uma exposição bibliográfica de âmbito tão vasto, tão aberto aos ventos do conhecimento e da criação.

Mas este certame será também uma denúncia da repressão que o fascismo exerceu sobre a inteligência, dos métodos da censura, da pressão ideológica contra aqueles que tinham escolhido os valores da liberdade e da dignidade. Haverá fotografias e documentos autênticos ou fotocopiados que porão a nu esses mecanismos e que mostrarão as grandes e as pequenas lutas, os grandes e os pequenos esforços dos escritores antifascistas que sempre lutaram ao lado do Povo, pela liberdade e pela cultura.

3 CIDADE INTERNACIONAL

A Cidade Internacional nasce e constrói-se sob o signo do internacionalismo. É nesse sentido que o seu pavilhão central foi concebido em forma de estrela, e que ali, entre outros, encontrará patente uma exposição que pretende lançar uma vista panorâmica sobre o Povo e os componentes das forças progressistas do mundo na sua luta pela libertação do Homem e pela Paz.

A Cidade Internacional nasce e constrói-se sob o signo da solidariedade, e é assim, numa outra exposição nos dará algumas imagens da luta internacional contra o fascismo e pela liberdade, pela paz e contra a ameaça de guerra.

Mas não só de exposições vive esta cidade. As iniciativas que esperam a nossa participação estão voltadas para a troca de opiniões sobre os grandes problemas do mundo, pretendem esclarecer e trocar experiências e sobretudo pretendem que a solidariedade passe a fronteira das palavras para se traduzir em actos, em acções que ajudem efectivamente a luta de outros povos, como a nós ainda hoje e sobretudo antes do 25 de Abril, ajuda foi prestada fraternalmente por irmãos de luta de outros e variados países participantes.

E a Cidade Internacional não vai contar apenas com o que o nosso Partido preparou, mas com a imagem viva das realidades dos países socialistas que estarão representados, das realidades dos países capitalistas vistas pelos olhos dos partidos irmãos, das novas realidades dos países recentemente libertados.

A Cidade Internacional vai ser um mundo. Que nos espera na sua variedade, indicando-nos perspectivas arrancadas de variadas experiências.



6 RESTAURANTES

Além de diversos «comes e bebes» e bares, localizados em todo o extenso Vale do Jamor, estará em pleno funcionamento durante os três dias da Festa do «Avante!» quatro grandes restaurantes, onde serão servidos os apreciados pratos da cozinha portuguesa, entre muitas outras especialidades.

No entanto, devido à grande afluência que se espera para a nossa Festa, é provável que estes quatro restaurantes não consigam satisfazer todas as necessidades.

Assim, propõe-se aos camaradas e amigos interessados que, nas horas das refeições, para lá se dirijam o mais cedo possível. E quem estiver «pronto», deve dar lugar ao seu lugar.

Desta forma, é possível evitar longas esperas para quem (de estômago vazio!) aguarda oportunidade para tomar a sua refeição.

Os restaurantes da Festa, que se encontram em vários pontos do recinto, funcionarão em sistema de «self-service».



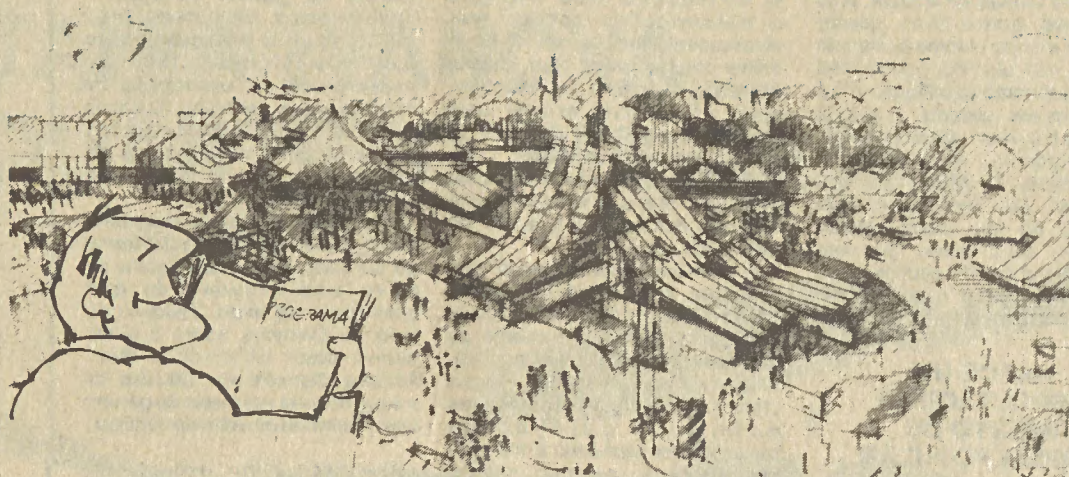
PRESENTE NA FESTA DO «AVANTE!»

PAVILHÃO DO COMITÉ CENTRAL

Nesse Pavilhão do Comité Central do PCP ocupa, na Festa do «Avante!» uma área de 1200 metros quadrados. Cerca de 70 painéis com dezenas de fotografias documentarão a luta do Povo português pela sua libertação e o papel determinante do Partido Comunista Português na evolução dos acontecimentos anteriores e posteriores ao 25 de Abril de 1974.

Nessa exposição estarão patentes os dados, os números, as palavras e as imagens do Portugal que os trabalhadores vêm construindo e que defenderão.

No mesmo pavilhão uma estrutura audiovisual, com a projecção de diapositivos, filmes acompanhada de comentários será outra forma de transmitir o que tem sido a luta dos trabalhadores, do Povo português e do PCP na construção de um Portugal diferente. Debates e encontros realizar-se-ão num recinto para o efeito construído. Nele estarão presentes membros da Comissão Política do PCP que orientarão as sessões, falando sobre a política nacional e a vida do Partido e respondendo às questões que os participantes levantarem.



A organização do Partido e «O Militante» também estarão presentes no pavilhão, contactando assim mais de perto com todos os milhares de pessoas que ali se deslocarão nos três dias da Festa.

Refira-se ainda que colóquios e debates se realizarão também nos diversos pavilhões das organizações regionais.

ARTISTAS DA FESTA

Man Surjikov
(com orquestra soviética)
«Zé Ferrugem»
(Contemporâneo (grupo italiano))
Maria do Amparo
Carlos Moniz
Frederico Vieira de Sousa
Carlos Paredes
Lúis Cília
Magaw (conjunto polaco)
Conjunto «Fórmula 5»
Amantino Lourenço
Zira Sá
Bafalda
Brigada «Bento Gonçalves»
Jamen Luzia
João Silva
Conjunto «Sem Nome»
António Soeiro
António Sena
Conceição e Carlos Pedro
Orácio Leitão
Lúis António
Ana e Ralha
Grupo de Lagos
Rancho de Faro
Riquie Llopis (cantor argentino)
Roberto (cantor da R. P. de Angola)
Grupo «Abril»
Grupo «Gente Nova»
Rancho Folclórico da Madeira
Rancho Folclórico de Argoncilhe
Manuel Freire
Grupo «Estrela»
Augusto Pato
Manoel de Carvalho
Eira da Silva
«Epsodos de Hoje»
Sérgio Borges
António de Oliveira
Aquim Rogério
Conjunto «Praxis»
Pedro Osório
Lúisa Basto



Fernando Tordo
Paulo de Carvalho
Adriano Correia de Oliveira
Carlos Mendes
Sands Family (conjunto irlandês)
Andraas Varga (cantor húngaro)
Soledad Bravo (cantora espanhola)
Nuevos Tiempos (grupo chileno)
Fairport Convention
(conjunto inglês)
Quarteto de bandolins «Zimarino»
Pedro Caldeira Cabral
Tania Ivanova (cantora búlgara)
Quarteto Bulgária
Miriam Makeba
(cantora sul-africana)
Carlos do Carmo
Conjunto «Prelúdio»
Mala Musika
(orquestra checoslovaca)
Júlia Babo
Conjunto «Resistência»
Tambouri (conjunto grego)
Grupo «Trovante»
Samuel
Sandor Lakatos
(com orquestra húngara)
Grupo Coral de Ferreira do Alentejo
Conjunto «Alma Viva»
Conjunto «A Luta Continua»
Banda Filarmónica da SFUAP
Grupo de Pioneiros de Almada
Grupo de Pioneiros de Sines
Rancho Folclórico Infantil de Praias
do Sado
Júlio e Fernando

Carlos Soares
Carlos Alberto
Conjunto «Metafase»
Coro dos Mineiros de Aljustrel
Coro de Vale de Vargo
Pioneiros de Pias
Coro da Aldeia Nova de S. Bento
A. Rosiewicz (cantor polaco)
Banda do Barreiro
«Brigada Vítor Jara»
José Jorge Letria
Forum (conjunto da RDA)
Rui Gomes
Luís Viegas
Barata Moura
Ranchos Infantis do Barrancão e de
Casebres
Pioneiros de Alvalade
Conjunto «Consciência»
Sérgio Godinho
Jograis de Almada
Coro do CT de Almada
Conjunto «Meia Sola»
Conjunto «Pop 71»
Coro Alentejano de Almada
Grupo Coral «Intervenção»
«Os Galés»
Conjunto Georgius
Manuel Maia
Ivone Silva e Carlos Gonçalves
Conjunto «Os Vermelhos»
Orquestra Sinfónica Popular
José Manuel Osório
Esmeralda Amoedo
Fernando Farinha
Etc.

OS PIONEIROS

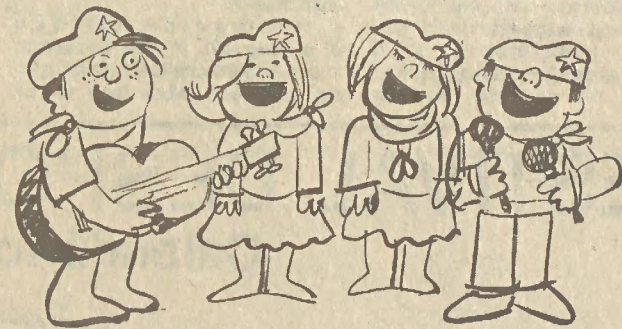
Várias são as iniciativas que os Pioneiros levam a efeito na Festa do «Avante!». No capítulo de exposições serão apresentados os materiais representativos das actividades dos Pioneiros desde a sua criação, realizando-se ao mesmo tempo uma exposição de desenhos, pinturas e colagens, subordinada ao tema «Portugal que nós queremos» e ainda outra subordinada ao tema «A Criança» nos países socialistas.

Um palco montado para o efeito acolherá diversos espectáculos dos pioneiros e de outros grupos. A realização de uma gincana-espectáculo, com provas físicas, recreativas e culturais constituirá um momento cheio de surpresas e a não perder.

Motivo de interesse também para os mais jovens constituirá a largada dos papagaios-de-papel, existindo prémios para o papagaio que subir mais alto e se mantiver mais tempo a voar.

Um local abrigado, com bancas para modelar barro e para construir brinquedos e fabricar pequenos objectos, a partir de pequenos nadas (coisas que no dia-a-dia deitamos fora) atrairá, por certo, as atenções dos jovens que forem ao Jamor.

Parque das Aventuras é outro recinto que os mais novos terão oportunidade de descobrir. Algumas estruturas já montadas (um forte, um barco, barracas de fantoches, etc.) servirão para estimular a imaginação das crianças. Com diversos materiais dispostos no chão (pneus, caixotes, panos, tábuas, tijolos) as crianças poderão levantar uma pequena aldeia de brincar. No final da Festa os Pioneiros plantarão árvores, deixando assim o Vale do Jamor mais rico.



CIDADE DA JUVENTUDE

A Cidade da Juventude é um lugar privilegiado. Ali, com o Palco n.º 2 a centralizar as atenções de milhares de jovens, o convívio aberto vai ter lugar.

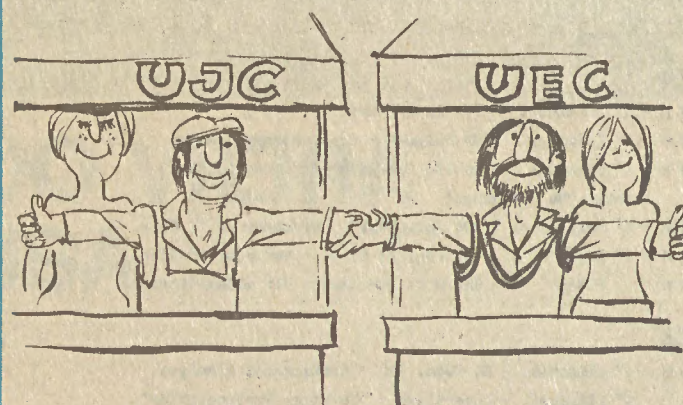
Os artistas que mais interessam à juventude vão desfilar no palco que lhes é dedicado. Jovens comunistas, da UJC e da UEC vão abrir as dezenas de stands que lhes foram atribuídos e para os quais muito trabalho dedicado foi investido para mostrar as lutas dos jovens, as suas preocupações e vitórias.

Cidade apontada ao futuro, esta, que conta também com a participação dos Pioneiros do Partido, muitas centenas de crianças que aprendem a moral comunista e nos dão as suas entusiásticas lições de esperança. São eles que, com as suas exposições, os seus jogos (e o seu trabalho mesmo) nos mostrarão o que poderá ser o futuro do país por que lutamos.

Exposições da União da Juventude Comunista e da União dos Estudantes Comunistas, para as quais as organizações de todo o Portugal trabalharam vão mostrar realidades. Uma das exposições é dedicada aos problemas do primeiro emprego e a outra ao desemprego entre a juventude. Ainda um outro stand prepara já os jovens para o XI Festival Mundial.

Iniciativas variadas, stands de comes e bebes, de jogos, e outros vão animar esta cidade, além dos espectáculos e do baile.

Mas a verdadeira animação será aquela vivida pelos visitantes e pelos que lá os esperam, numa atitude de diálogo franco, disposto a escutar opiniões diversas e a estender a mão aos que sinceramente desejam um futuro melhor.



Estas são apenas treze razões para não faltar à Festa.

Quem lá for, porém, descobrirá rapidamente que havia mil e uma outras razões para estar presente.

É por isso que a única solução é ir mesmo. Para que depois, ao ouvir os amigos contar como foi, não nos arrepelemos de arrependimento.

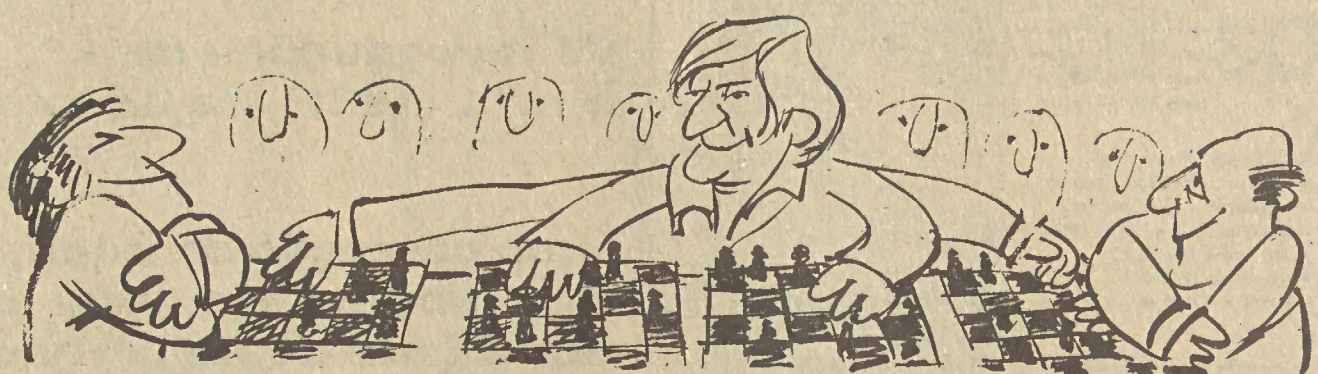
XADREZISMO

O xadrezismo, actividade desportiva de grande valor intelectual, vai ter o seu lugar ao longo da Festa do «Avante!» — embora num pavilhão coberto — na Festa do «Avante!».

Para já, e conforme anunciámos no último número, um dos convidados especiais que se deslocam ao nosso País para a Festa será Oleg Romanishin, um jovem xadrezista da URSS que já detém o título de mestre de xadrez e que é apontado como um dos melhores jogadores do mundo desta modalidade.

Oleg Romanishin, que ainda recentemente venceu uma partida contra o actual campeão mundial, o seu compatriota Anatoli Karpov, efectuará no Jamor uma simultânea aberta com todos os que nela quiserem participar.

Não só de Romanishin vai viver o xadrez na Festa do «Avante!». Já está elaborado



um programa que, além de englobar a simultânea com este grande campeão soviético, conta com outros aliciantes pontos, capazes de fazer deslocar ao Vale do Jamor um elevado número de entusiastas desta difícil modalidade.

É o seguinte o programa do xadrez:

Dia 9, às 21.30 horas — Torneio de partidas rápidas;

Dia 10 às 16 horas — Início da simultânea aberta com o grande mestre soviético Oleg Romanishin;

Às 21 horas — Simultânea aberta com Romanishin;

Dia 11 às 21 horas — Simultânea fechada com os seleccionados das simultâneas anteriores e o grande mestre soviético Romanishin.

Um espectáculo inédito de música popular

«ESCOLAS E MESTRES QUE O POVO CRIOU»

«Escolas e Mestres que o Povo criou» é o título de um espectáculo inédito de música popular organizado pelo camarada Carlos Paredes para a nossa Festa, e que será exibido no palco do teatro. Trata-se de um conjunto de manifestações musicais de origem urbana representativas de tradições criadas, inspiradas ou adotadas pelo povo. Este espectáculo – através do qual se procura parte de um ambicioso projecto destinado a estudar, divulgar e transmitir essas tradições, algumas das quais em risco de se perderem – é, na verdade, um dos mais importantes atractivos musicais da Festa. Sobre ele nos fala o camarada Carlos Paredes, no depoimento que transcrevemos em seguida.

A Festa do «Avante!» está bem longe de poder confundir-se com uma versão aumentada daquelas festinhas para as quais se convida este ou aquele artista e, com «comes e bebes» e dois ou três discursos à mistura, se cumpre a anual reunião de convívio entre responsáveis, colaboradores e amigos mais chegados duma organização qualquer. E isto não tanto pelo facto de dispor de 700 artistas e dum espaço 25 vezes maior que o relvado do Estádio Nacional, mas, essencialmente, porque não se pode falar da Festa do «Avante!», por um lado, e do «Avante!», por outro. Nem chegaremos mesmo a fazer uma ideia correcta do que tal festa representa se a tomarmos, simplesmente, como uma realização do órgão central do Partido Comunista Português. É muito mais que isso.

Assiste-se à espectacular transformação de um jornal por dentro, isto é, a uma transformação baseada nas maravilhosas potencialidades que todos os camaradas lhe reconhecem. Porém, o que mais espanta, é que o «Avante!», em festa, continue a desempenhar, embora com aspecto diferente, a mesma importante função semanal, utilizando, exactamente, os seus habituais recursos humanos.

Vejamos. Como qualquer outro periódico, depende de redactores, fotógrafos, tipógrafos, distribuidores, etc., etc. Como órgão oficial de um grande Partido, conta, igualmente, com a colaboração dos seus dirigentes. Todos, no entanto, seriam

insuficientes para erguer esta extraordinária manifestação de características únicas, entre nós. O «Avante!» conta, porém, desde o primeiro dia de vida, com outra espécie de colaboradores que nunca, em momento algum, abandonaram as suas páginas: a massa anónima dos trabalhadores portugueses.

São eles que, com a vibração da sua luta, determinam a cor particular de cada número. Ora, deu-se neste momento o contrário. Como a máquina de cinema retém, solitária, as imagens, para depois projectá-las, revivificadas com o estremecer de milhares de olhos e corações, não perdendo, por isso, a unidade da sua missão, o «Avante!» imaginou, planificou e foi o Povo, desta vez a exprimi-lo à sua maneira, sem que ambos deixassem de continuar profundamente ligados pelos nervos, pelo sangue, pela acção.

O chamado puro divertimento, que, realmente, não parece mais que uma manifestação de irresponsabilidade, é o jeito que toma, a mais das vezes, a alegria (quando não o tédio) dos parasitas e dos ociosos. Claro que as grandes editoras e os grandes meios de Comunicação Social, ao serviço do imperialismo, se empenham afinadamente em fazer mergulhar parasitas e trabalhadores no mesmo clima de irresponsabilidade, clima de que o Poder é conscientemente responsável.

Na medida em que o conseguem, lá vão mantendo a social-democrática «conciliação de classes». Mas isso só foi

possível nas nações mais ricas da zona capitalista. Entre nós, na maior parte do País, empobrecido, o povo trabalhador, quando quer divertir-se, tem de inventar e construir, à custa da sua imaginação e dos seus braços, as diferentes formas de o fazer. Não há muito quem lhes queira preparar e exibir mesmo a troco do dinheiro que ele não possui. Daí que divertimento signifique, entre gente simples, associar a alegria ao trabalho, à criação, à inteligência, à experiência profissional, às vivas tradições populares. Isto basta para que a festa, no seu pleno sentido popular, seja como que um vastíssimo ponto de encontro dos trabalhadores com a cultura por eles próprios criada ou adoptada.

NASCE UM ESPECTÁCULO INÉDITO DE MÚSICA POPULAR

É dentro desta linha de ideias que vai aparecer na Festa do «Avante!» um pequeno e despretencioso espectáculo com o título: «Escolas e Mestres que o Povo criou». Nele ouvir-se-á música criada, inspirada ou adoptada pelo Povo, numa actividade amadorística de muitas gerações, ao longo da qual se acumulou a experiência necessária para formar verdadeiras escolas e verdadeiros mestres.

Foram escolhidas formas populares de expressão musical urbana, precisamente porque algumas delas têm sido, a nosso ver, com descabida severidade, objecto das mais sérias dúvidas sobre a sua representatividade cultural. Esquece-se que as condições que deram origem, por exemplo, ao fado de Lisboa continuam a actuar vivamente e são muito mais de natureza social e política que estético-musical.

Consideramos, por isso, necessário que, antes de classificar o fado e os fadistas segundo padrões de qualidade que exorbitam das suas condições reais, se acompanhe e apoie o esforço, infelizmente ainda mal conhecido, que, desde há muitas

dezenas anos, alguns deles vêm dedicando ao cumprimento de uma das primeiras missões de cultura, em qualquer lugar e época onde a opressão se faça sentir. A de orientar a preocupação das pessoas para a denúncia e correcção dos perigos e deformações sociais que directamente lhes tocam. O Povo sabe muito bem que, neste aspecto, a cultura (a sua) está onde ele souber exercer uma profunda e constante vigilância na defesa dos seus interesses.

O fadista amador amador Manuel Maia exemplificará algumas das facetas culturais do fado tradicional.

É também dele corrente que a prática popular da música se situa apenas, no âmbito do folclore. Até agora tem sido somente as bandas e os corais a desmentir-lo. A maioria dos jovens ignora que Liebo, no princípio do século, uma admirável geração de bandolinistas formados à margem de qualquer escolas oficiais. O quarteto de bandolins «Zimarrino», constituído por José Bernardino, José Grazina, Eduardo Marques e Analide Ferreira, é um dos raros sobreviventes, o único no seu género, dessa importante tradição de músicos amadores. O seu repertório é constituído por transcrições de quartetos de Mozart, Scarlatti e doutros compositores eruditos.

O bandolim e a guitarra

portuguesa (que neste espectáculo também figura em solos e nos acompanhamentos do fado) são instrumentos com muitas afinidades. Essas afinidades estendem-se ao cistre (séculos XVI-XVII), o antepassado mais directo da guitarra portuguesa. Ouvia-lo-emos executado pelo único praticante português, Pedro Caldeira Cabral, também especialista na construção de instrumentos antigos. Caldeira Cabral e a sua mulher farão uma exposição de instrumentos de corda por eles construídos e ornamentados.

A guitarra portuguesa, é de certo modo, a inspiradora de outra forma de canção, muito mais ligada ao povo das cidades do que geralmente se julga. Trata-se do fado de Coimbra, sobre o qual alguma coisa há ainda a dizer. Adriano Correia de Oliveira foi e é um notável intérprete do género como teremos ocasião de verificar.

Se este curto espectáculo conseguir chamar a atenção menos para os artistas do que para as gerações que os precederam, isto é, para as escolas que representam e para os mestres que lhes deram forma, poderá talvez surgir um projecto para a criação duma grande escola viva onde se estudem, em conjunto, as tradicionais actividades musicais do nosso Povo, única forma de evitar que algumas, tal é o caso dos bandolinistas, desapareçam.

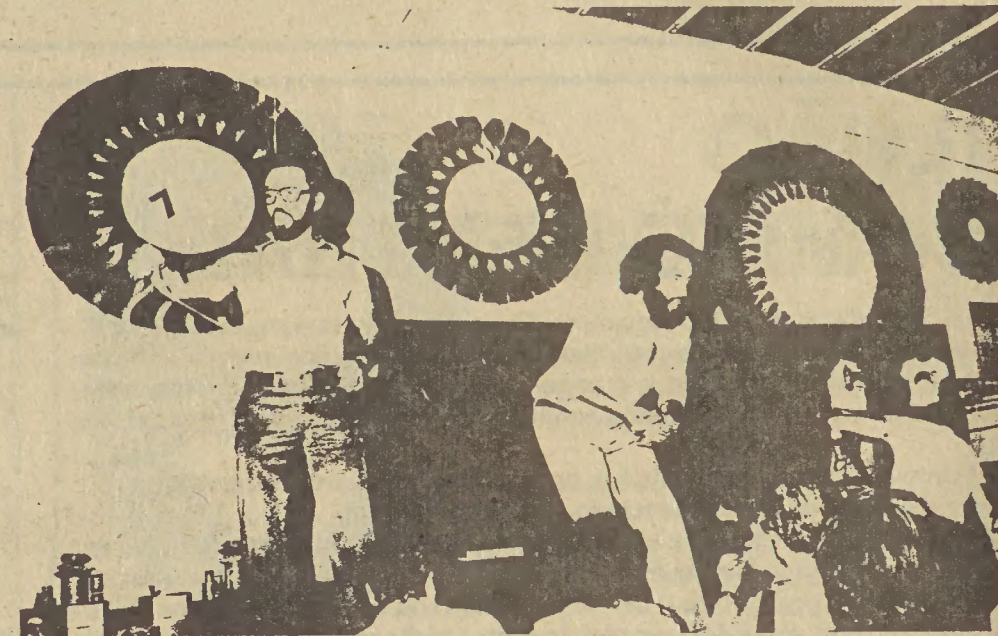
«JOGO DA AMIZADE»

Entre as muitas iniciativas de carácter recreativo programadas para a Festa do «Avante!», é de salientar o «Jogo da Amizade», que será motivo para uma nova forma de conviver e de fazer amigos, ou melhor, de conhecer mais amigos.

Como funciona este jogo? É simples: vão ser postos à venda, milhares de distintivos numerados, com inscrições e motivos simbólicos da amizade, que podem ser colocados, por exemplo, na lapela; alguns dos distintivos têm números iguais; quando se encontrarem duas pessoas com o mesmo número, devem dirigir-se à organização para receber um prémio-surpresa.

LISTA DE BRINDES PARA O 3.º SORTEIO DA EP

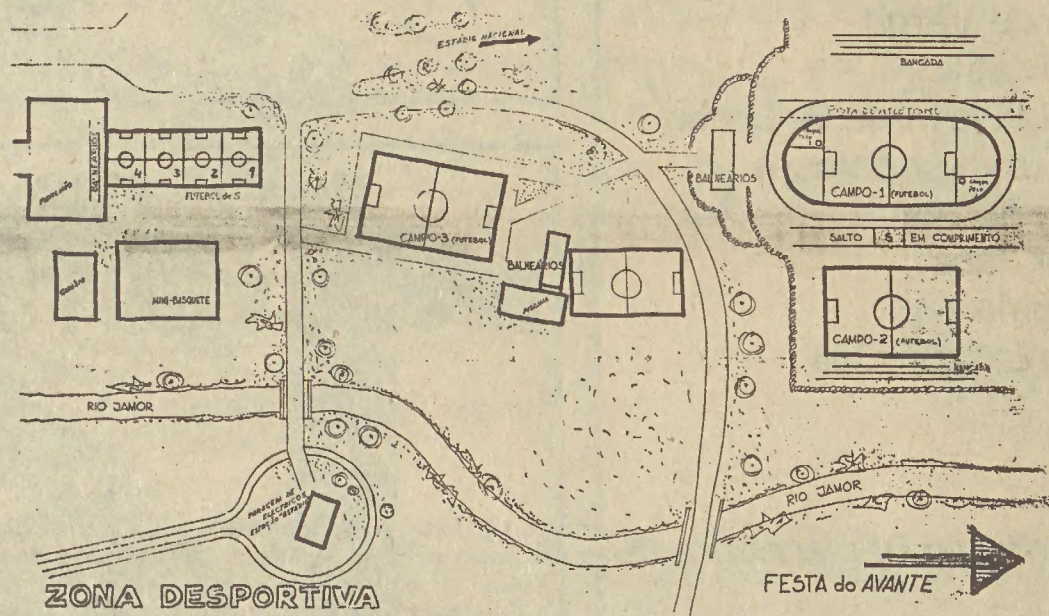
A realizar na Festa do «Avante!»



- 1.º – Automóvel
- 2.º – Televisor
- 3.º – Serviço de Chá Chinês
- 4.º – Enceradora
- 5.º – Enceradora
- 6.º – Quadro em Estanho
- 7.º – 1 Colcha
- 8.º – 1 Colcha
- 9.º – Discos no valor de 1000\$00
- 10.º – Livros Editorial Caminho no valor de 1000\$00
- 11.º – Livros da Editorial Avante no valor de 1000\$00
- 12.º – Livros da Editorial Opinião no valor de 1000\$00
- 13.º – Tela Lenine
- 14.º – Desenho de A. Cunhal com moldura
- 15.º – Assinatura do «Avante!»
- 16.º – Assinatura da EC
- 17.º – Assinatura R. Internacional
- 18.º – Assinatura Poder Local
- 19.º – Seara Nova
- 20.º – Assinatura da Vida Soviética
- 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, – Assinatura de «O Militante»

FESTIVAL DESPORTIVO DA FESTA

Calendário dos Jogos



Sábado - Futebol de 11

CAMPO 1

09.30 H - Eliminatória - Constituição - F.M.B.P.
Isenta: Artelhães
11.30 H - FINAL - Artelhães - Vencedor de Elim.

CAMPO 2

09.00 H - 1.º Eliminatória - U. Desp. Odivelas - G. D. C. Trêfego
10.15 H - 2.º Eliminatória - U.J.C. Picheleira - Vampiro
12.00 H - FINAL - Entre os vencedores das Eliminatórias

CAMPO 3

09.00 H - 1.º Eliminatória - "Os 11 do ISEF" - UPA
10.15 H - 2.º Eliminatória - Est. Vermelha Alameda - "Os Marretes"
12.00 H - FINAL - Entre os vencedores das Eliminatórias

Domingo - Futebol de 11

CAMPO 1

09.30 H - Eliminatória - Central de Baixa - SEICLA
Isenta: F.C. 25 de Abril
11.30 H - FINAL - F.C. 25 de Abril - Vencedor de Elim.

CAMPO 2

09.00 H - 1.º Eliminatória - "Os Zés Ferrugem" - Juv. Verm. Merinha Grande
10.15 H - 2.º Eliminatória - Juventude Aljustrel - Est. Vermelha F.C.
12.00 H - FINAL - Entre os vencedores das Eliminatórias

CAMPO 3

09.00 H - 1.º Eliminatória - E.Prog. Industrial - Resistência e Amigos
10.15 H - 2.º Eliminatória - U. Est. Vermelha Malveira Serra - "Chaimites"
12.00 H - FINAL - Entre os vencedores das Eliminatórias

Sábado - Futebol de 5

CAMPO 1

09.00 H - 1.º Eliminatória - F.C. 25 de Abril - "I. R. 2"
10.00 H - 2.º Eliminatória - "Os Amigos" - Coop. Portugal Novo
11.00 H - 3.º Eliminatória - "Os Zés Ferrugem" - "Os Chaimites"
Isenta: "Os Matrelhas"

12.00 H - 1.º Meia-final - "Os Matrelhas" - Vencedor da 1.ª Elim.
13.00 H - 2.º Meia-final - Vencedor 2.ª Elim. - Vencedor 3.ª Elim.
14.00 H - FINAL - Entre os vencedores das meias-finais

CAMPO 2

09.00 H - 1.º Eliminatória - G. Desp. RAL - Resistência e Amigos
10.00 H - 2.º Eliminatória - Luso-Além - "Os Inter-Nacionalistas"
11.00 H - 3.º Eliminatória - Dragões Vermelhos - "Os Plureis"
Isenta: "Os Revolucionários"

12.00 H - 1.º Meia-final - "Os Revolucionários" - Vencedor da 1.ª Elim.
13.00 H - 2.ª Meia-final - Venc. 2.ª Elim. - Vencedor 3.ª Elim.
14.00 H - FINAL - Entre os vencedores das meias-finais

CAMPO 3

09.00 H - 1.º Eliminatória - "Amigos de Belém" - Sputniks
10.00 H - 2.ª Eliminatória - Derrota F.C. - "Os Gueveres"
11.00 H - 3.ª Eliminatória - "Sol Brilhante" - Metal, Esterfina
Isenta: Casa do Pessoal do INATEL

12.00 H - 1.º Meia-final - C.P. INATEL - Venc. 1.ª Elim.
13.00 H - 2.ª Meia-final - Vencedor 2.ª Elim. - Vencedor 3.ª Elim.
14.00 H - FINAL - Entre os vencedores das meias-finais

CAMPO 4

09.00 H - 1.º Eliminatória - J. Anores - Saratogas C.T.T.
10.00 H - 2.ª Eliminatória - Olivemos - "Os Picos"

11.00 H - 3.ª Eliminatória - G.D. H.Martins Gomes - "Os Piores"

Isenta: "Os Torpedos"

12.00 H - 1.ª Meia-final - "Os Torpedos" - Vencedor 1.ª Elim.
13.00 H - 2.ª Meia-final - Vencedor 2.ª Elim. - Vencedor 3.ª Elim.
14.00 H - FINAL - Entre os vencedores das meias-finais

Domingo - Futebol de 5

CAMPO 1

09.00 H - 1.º Eliminatória - Artelhães - U.J.C. Vielonge
10.00 H - 2.ª Eliminatória - "Os Vesculhos" - U.J.C. Braz & Braz
11.00 H - 3.ª Eliminatória - Bento Gonçalves - "Rio Tinto ao Ataque"
Isenta: Est. Vermelha I.S.T.

12.00 H - 1.ª Meia-final - Est. Vermelha I.S.T. - Vencedor 1.ª Eliminatória.
13.00 H - 2.ª Meia-final - Vencedor 2.ª Elim. - Vencedor 3.ª Elim.
14.00 H - FINAL - Entre os vencedores das meias-finais

CAMPO 2

09.00 H - 1.º Eliminatória - G.D.C. Trêfego - Violinos de A.Serpa
10.00 H - 2.ª Eliminatória - Fac. Letres - Moto-Asas F.C.
11.00 H - 3.ª Eliminatória - AUTOCOP - Dinamo de Britesiros
Isenta: CRA (Coop. Reforma Agrária)

12.00 H - 1.ª Meia-final - CRA - Vencedor 1.ª Elim.
13.00 H - Vencedor 2.ª Elim. - Venc. 3.ª Elim. (2.ª Meia-final)
14.00 H - FINAL - Entre os vencedores das meias-finais

CAMPO 3

09.00 H - 1.º Eliminatória - TOFA - "Os Paralíticos"
10.00 H - 2.ª Eliminatória - Est. Vermelha Alameda - ENI
11.00 H - 3.ª Eliminatória - Os Gueveres - G. Soldados Amigos
Isenta: C.P. "Casa Monteiro"

12.00 H - 1.ª Meia-final - C.P. "Casa Monteiro" - Vencedor 1.ª Elim.
13.00 H - 2.ª Meia-final - Vencedor 2.ª Elim. - Venc. 3.ª Elim.
14.00 H - FINAL - Entre os vencedores das meias-finais

CAMPO 4

09.00 H - 1.º Eliminatória - "Vermelhos S.Pelo Oleiros" - O CLUFOTV 5
10.00 H - 2.ª Eliminatória - "A Quinta" - CAVAN
11.00 H - 3.ª Eliminatória - Feisões F.C. - "Os Meia-Roncos"
12.00 H - 4.ª Eliminatória - VOUZELA - UPA

13.00 H - 1.ª Meia-final - Vencedor 1.ª Elim. - Vencedor 2.ª Elim.
14.00 H - 2.ª Meia-final - Vencedor 3.ª Elim. - Vencedor 4.ª Elim.
15.00 H - FINAL - Entre os vencedores das meias-finais

CALENDÁRIO DE ATLETISMO

Sábado - Provas livres

09.00h às 09.30h - Inscrições para os 3000 metros
10.00h - Prova dos 3000 metros
10.25h - Prova dos 1500 metros (feminino)
10.45h - Prova dos 1500 metros (masculino)
11.10h - Prova dos 400 metros
11.30h - Prova dos 100 metros

Domingo

09.30h - 5000 metros (Pentatlo)
- Salto em comprimento (Pentatlo)
- Lançamento de peso (Pentatlo)

10.00h - Batafeta (200 m, 400m, 800m, 1200m)
10.30h - 400 metros (Pentatlo)
10.50h - 100 metros (Pentatlo)
11.00h - Batafeta 20x200 metros (prova a ser disputada por uma equipe da USC e uma da UJC)

Nota: Por questões de ordem técnica consideraram-se responsáveis ser de alterar as provas livres de 5000 m masculino e 3000 feminino para 3000 e 1500 respectivamente.

Independente dos árbitros que cada equipa de futebol irá trazer, conseqüência já a organização a presença de diversos amigos árbitros oficiais, que se prontificaram assim a dar o seu contributo a esta Grande Festa do "Avante!" - 1977, e a melhorar o nível desportivo do Festival.

ATENÇÃO!

Onde se equipam as equipas:

- As equipas de Futebol de 11 equipam-se na Cabine do Campo 3, junto à piscina.
- As equipas de Futebol de 5 equipam-se nas Cabines do Pavilhão do ISEF
- Os concorrentes ao Atletismo equipam-se nas Cabines do Campo 1.
- Os árbitros equipam-se na Cabine de Árbitros do Campo 1.

PROGRAMA DA FESTA

Um guia indispensável e de leitura urgente

O programa detalhado da actividade nos diversos palcos

Biografias e fotos dos artistas e outros participantes

Planta a cores do recinto da Festa, com a localização dos stands, arruamentos, acessos e diversos serviços

À venda na Festa do "Avante!"

edições Avante!

Preço: 50\$00

70 reproduções de 1.ªs páginas do "Avante!" desde o n.º 1 (1931) até aos nossos dias

Uma colecção de documentos de grande valor histórico acerca da vida do PCP e dos 46 anos de actividade do seu órgão central

Uma viva e impressionante panorâmica da luta do Povo português na resistência ao fascismo e no avanço e consolidação da democracia rumo ao socialismo

PROGRAMA da FESTA



À VENDA 6.ª-FEIRA

OS ARTISTAS DA FESTA DO «AVANTE!»

BULGÁRIA

TANIA IVANOVA
QUARTETO BULGÁRIA



CHECOSLOVÁQUIA

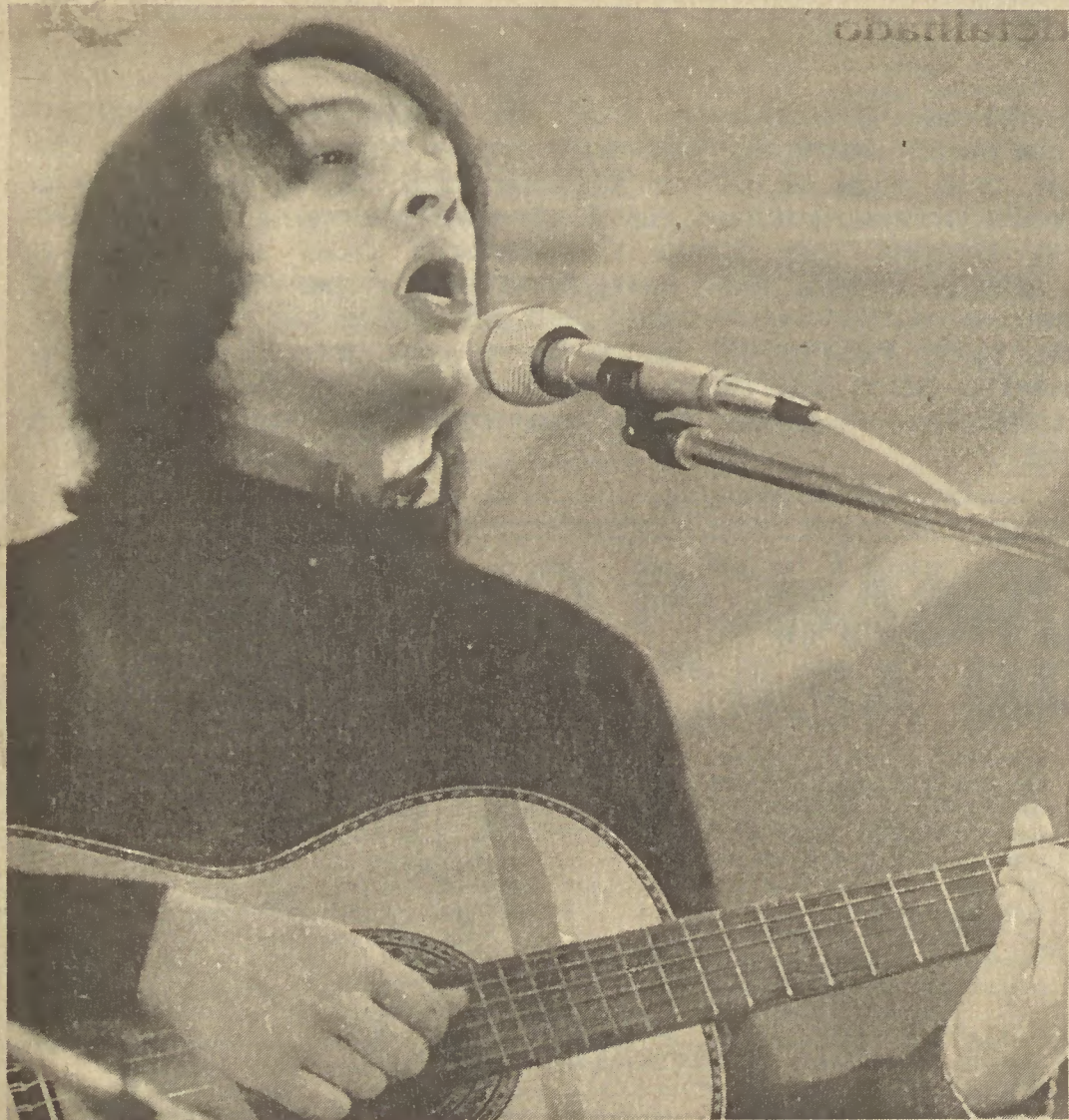
MALA MUSIKA

GRÉCIA

TAMBOURI

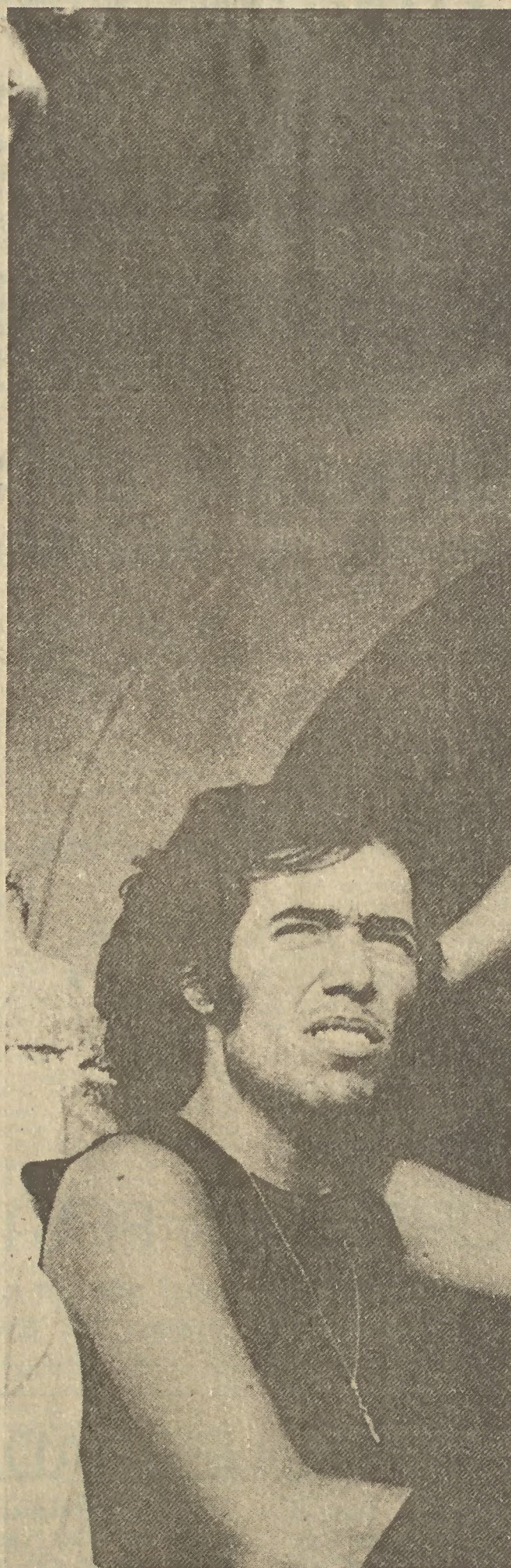
CHILE

TIEMPO NUEVO



ARGENTINA

ENRIQUE LLOPIS



SÉRGIO GODINHO



ALFREDO VIEIRA
DE SOUSA



VIEIRA DA SILVA

INTERNACIONAL

Médio Oriente ESFORÇOS DO IMPERIALISMO PARA ACENTUAR A TENSÃO

Yasser Arafat, dirigente da OLP, voltou de Moscovo, onde teve conversações com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, André Gromyko. Este contacto entre os patriotas palestinos e a URSS insere-se num conjunto de esforços tendentes a avalar e a fazer face à nova situação criada no Médio Oriente — ou antes, ao seu agravamento — após a vitória eleitoral da clique terrorista de Beguin.

Em declarações sobre a importância da sua visita à União Soviética, Yasser Arafat definiu os problemas centrais do momento actual no Médio Oriente: «Este período caracteriza-se por uma nova escalada da agressão israelita no Sul do Líbano e pela decisão de Tel-Aviv em estabelecer um domínio completo sobre todo o território palestino ocupado». Uma escalada que não surge independentemente da acção e das decisões de Washington. Os esforços de Vance de preterir o problema palestino, no central da questão do Médio Oriente, as tentativas de impedir a participação soviética no acordo a estabelecer, inserem-se na mesma política que vem sendo seguida por Beguin, embora Washington não surja oficialmente a defendê-la.

Na reunião dos ministros de Negócios Estrangeiros árabes, realizada no domingo no Cairo, o tema central foi também o impasse criado nas negociações de paz, o estabelecimento de colonatos na margem ocidental do Jordão e no sector de Gaza, primeiro passo de uma perigosa prática de anexação. Para o debate aprofundado destes problemas foi proposta uma cimeira árabe.

Também no Líbano se debate o crescendo de tensão na zona sul, materializado em sucessivas confrontações com as milícias da direita libanesa que gozam do apoio (quando não da aberta intervenção) do governo de Tel-Aviv. Numa reunião entre dirigentes da OLP e o presidente Sarkis, tentou-se avançar na solução desse problema.

Este conjunto de reuniões e encontros — nalguns casos entre forças heterogêneas, que não defendem os reais interesses dos povos do Médio Oriente — reflecte a gravidade da situação na zona.

O POVO PALESTINIANO ALVO PRINCIPAL DAS FORÇAS DE DIREITA

O grande alvo de Beguin, o alvo de Washington, o alvo de todas forças de direita, as árabes inclusive, é o movimento de libertação palestino.

O Líbano é um exemplo próximo e concludente de uma monstruosa tentativa de genocídio do povo palestino, tendo sido criada uma situação ainda hoje não sanada. No dia a dia da vida em Israel e nos territórios ocupados, a discriminação em relação aos palestinos é uma constante. Expulsos das suas terras, com as casas emparedadas para que não possam regressar, lançados no desemprego ou nos trabalhos mais mal remunerados, vítimas preferenciais da repressão (18 mil árabes estão nas prisões de Israel), os palestinos representam uma massa discriminada e explorada, mas de forma alguma inerte.

Hoje nova ameaça — muito palpável — pende sobre o povo palestino. O estabelecimento de colonatos na margem ocidental do Jordão e na zona de Gaza, exactamente os territórios propostos para criação de um Estado palestino, dentro de uma solução justa e realista do problema do Médio Oriente.

Estas manobras, estas novas ameaças, são acompanhadas do cinismo característico na política do mundo capitalista. Beguin avança com a ameaça de que «todas as terras palestinas fazem parte de Israel», e baseia assim a imposição de colonatos que representam de facto novas anexações. E faz tudo isto em nome do «progresso e da justiça humana».

Beguin declara impossível o reatamento da conferência de Genebra. Má vontade de Tel-Aviv? De forma alguma. São os árabes os culpados, ao insistirem na presença da Organização de Libertação da Palestina.

A força de Beguin vem do potencial armamentista de Israel, fornecido por Washington. A força de Beguin vem do apoio, directo ou camuflado da Casa Branca. Vem das contradições no seio dos povos árabes, quer pela existência de regimes reaccionários, quer pelos conflitos e desvios alimentados pelo imperialismo.

Por outro lado não tem sido fácil ao imperialismo aplicar as manobras cuidadosamente estudadas pelos peritos de Washington. Vance regressou do Médio Oriente de mãos vazias. Torna-se hoje extremamente difícil anular o peso do povo palestino, das forças revolucionárias palestinas, no quadro da questão do Médio Oriente. Por mais que Tel-Aviv e Washington se esforcem por ludibriar as questões, os problemas enunciados por Yasser Arafat em Moscovo são os mesmos que são debatidos em todas as reuniões entre os países árabes.

O REALISMO POLÍTICO AUSENTE DA CASA BRANCA

O sr. Zbigniew Brzezinski, conselheiro de Carter de política externa, em entrevista ao «Business Week», resolveu aclarar, para quem ainda alimentasse dúvidas, o sentido da política externa que vem sendo seguida pelo actual governo norte-americano.

Assim, segundo Brzezinski, haveria grandes ressentimentos contra as mudanças positivas anteriormente registadas nas relações entre a URSS e os Estados Unidos. Essa a base — muito «democrática» — rapidamente alinhavada para justificar a actual orientação da Casa Branca em política externa.

O conselheiro presidencial de política externa dos EUA apontou como direcções prioritárias deste domínio: a alteração — negativa — das relações entre os Estados Unidos e a URSS, o fortalecimento dos laços com a Europa e o Japão, a cooperação para conter a corrida às armas (que provavelmente se está a concretizar na ameaça de fabrico da bomba de neutrões e de um novo míssil) uma maior atenção às crises na África Austral, Panamá, e Médio Oriente, uma particular atenção a problemas globais como o nuclear e o dos direitos humanos.

Há já algum tempo que o governo Carter detém o poder: o tempo suficiente para se apreciar do que representa a prática da teoria resumidamente apresentada por Brzezinski. Na verdade não há nada de novo. Há sim o agravar de uma tendência que se vinha a acentuar já anteriormente.

Um dos aspectos centrais dessa tendência

— particularmente grave pelos riscos que comporta para a paz mundial — é a deterioração das relações com a União Soviética.

Nos últimos cinco anos, nas relações entre os dois países, deu-se uma viragem da «guerra fria» ao desanuviamento, que afastou a ameaça de guerra nuclear e abriu o caminho para uma cooperação mutuamente vantajosa. Mas simultaneamente foi retardada a solução de muitos problemas candentes e em certos aspectos surgiu o perigo de um retrocesso. Neste campo destaca-se, em particular, a ausência de um avanço substancial nas conversações sobre a limitação de armamentos estratégicos. E, o que é mais grave, essa estagnação tem sido utilizada pela Europa e globalmente pela NATO para acelerarem a corrida aos armamentos, desenvolver novos sistemas de armas e aumentar os orçamentos militares.

Por outro lado piorou a atmosfera política entre os dois países, como resultado das campanhas caluniosas do imperialismo contra a comunidade socialista. Não se trata de luta ideológica, que consiste na comparação de ideias e factos, na discussão de valores inerentes a este ou àquele sistema, mas de uma «guerra psicológica», baseada na falsificação da realidade e mesmo numa actividade subversiva.

As razões da actual política externa norte-americana residem nas aspirações da classe governante dos EUA que geraram, em tempos, a «guerra fria», na sua herança política e ideológica, no vasto mecanismo criado para o seu

serviço, na força e influência política dos agrupamentos de monopólios e de políticos que lhes estão ligados, certos representantes dos círculos militares e outros elos do aparelho governamental que se criaram naqueles anos.

Hoje, estes senhores avançam com a ideia de um «desanuviamento frio», esforçam-se por privar o desanuviamento do seu conteúdo. Querem «fazer correcções» vantajosas para os Estados Unidos, que significariam privar o socialismo das suas possibilidades de defesa, dar ao imperialismo novas possibilidades — definitivamente perdidas — de manobrar contra os interesses dos povos.

A linha de política externa que está a ser seguida por Carter é profundamente irrealista e alheia da opinião do povo americano. Como é evidente, a URSS não aceitará quaisquer «remendos» ao desanuviamento que significariam de facto a liquidação de um clima mundial de paz. Por outro lado o povo americano não manifesta qualquer apoio a uma corrida aos armamentos: segundo um inquérito efectuado pelo serviço de Harris, 77 por cento dos americanos pronunciaram-se pela mais breve conclusão do acordo soviético-americano sobre a limitação dos armamentos estratégicos. Só 8 por cento se pronunciaram contra.

As realidades objectivas não podem ser contornadas. A política da Casa Branca não tem nada a ver com elas e terá forçosamente que vir a mudar de rumo.

Mas as oscilações na política norte-americana, o caminho que actualmente está a ser seguido, não deixa por isso de constituir um perigo real. No domínio da paz e da guerra, o factor tempo é muito importante, por vezes decisivo. Por isso a batalha da paz adquiere neste momento um carácter de urgência.

O POVO BÚLGARO AVANÇA

O Povo búlgaro comemora amanhã o 33.º aniversário do triunfo da Revolução Socialista no seu País. A partir de 9 de Setembro de 1944, a Bulgária iniciava uma etapa de transição que, em 1948, se definiu como via para a sociedade socialista, único caminho para a libertação total e o progresso do Povo búlgaro. A vitória do levantamento armado pela conquista do poder político que se encontrava nas mãos do invasor nazi desde 1941, foi o resultado de um profundo e abnegado trabalho de organização popular desenvolvido pelo Partido Comunista Búlgaro, sob a direcção de Jorge Dimitrov, herói do Povo, guia destacado da classe operária e figura notável do movimento comunista internacional.

Foi por iniciativa do camarada Dimitrov que se criou, em 1942, a Frente da Pátria, que agrupava partidos e forças antifascistas e a cujo programa, elaborado pessoalmente por Dimitrov, aderiram milhares de cidadãos búlgaros, empenhados no combate patriótico contra os nazi-fascistas e respectivos locais. No decorrer da luta, a Frente da Pátria transformou-se numa potente força revolucionária. O movimento guerrilheiro alastrou e intensificou as suas acções contra o invasor hitleriano.

Em 9 de Setembro de 1944, o movimento avançou sobre Sofia, capital do País, e derrubou o governo nazi.

Nas eleições de 1944, o Partido Comunista alcançou 53 por cento



alimentação, construção de escolas e instalações hospitalares.

Em 1968-69 o PAIGC lançou uma grande ofensiva e quando passou o 10.º aniversário de luta armada, mais de dois terços do território estava livre do jugo colonial. Foi nessa altura que o governo fascista português, vindo que todo o seu «império» ruiria com uma derrota militar na Guiné, tentou isolar o PAIGC iniciando provocações armadas junto às fronteiras da República da

Guiné, Senegal, Zâmbia e Tanzânia, ao mesmo tempo que investia na spinolista tese do neocolonialismo. Criminosamente acabam por assassinar Amílcar Cabral, convencidos que o desaparecimento do grande dirigente desmembraria a luta pela independência. O crime foi consumado, mas os objectivos não foram alcançados pois o povo da Guiné-Bissau continuou firme e combativo até à vitória final, honrando a memória do exemplo de Amílcar Cabral.

O novo Vietname e o «Diário de Notícias»

UM CONCEITO DE LIBERDADE

A escolha da notícia, a sua forma, o que é destacado ou comentado, define a linha de orientação de um órgão de informação, os interesses que de facto defende, independentemente das falsas juras de independência.

Há alguns dias o «Diário de Notícias», citando a France Press, inseriu nas suas páginas um comentário sobre a cidade de Ho Chi Minh, insultuosamente referida como Saigão (por razões que resumam de todo o texto, o autor prefere a velha designação).

Não se pode dizer que a imprensa seja pródiga de informações sobre o Vietname. Porque de facto essa informação é escassa, mas muito particularmente porque não interessa divulgar, no mundo do capital, o trabalho construtivo que se opera nos países socialistas. A prática inexistência de quaisquer referências ao Vietname deveria funcionar, como é óbvio, no sentido de um particular cuidado, um mínimo sentido de honestidade, no pouco que se fizesse sobre este País.

Não é assim, entretanto, que funciona a imprensa burguesa.

O comentário sobre o Vietname publicado no «Diário de Notícias» do dia 1 de Setembro, não passa de um insulto gratuito ao heróico povo vietnamita. Um único interesse se lhe pode extrair: o desmascaramento do conceito de «liberdade», defendido pelos propagandistas do capital.

Esse conceito de liberdade fica bem definido no último parágrafo do comentário: «Se bem que não tenham conseguido limpar o passado em Saigão, as autoridades lá vão fazendo tentativas mais ou menos bem sucedidas... Isso talvez explique que uma população profundamente agarrada à terra dos antepassados, e não comprometida com o antigo regime, prefira deixar uma terra que para ela já não é sinónimo de liberdade, arriscando uma viagem marítima cheia de incertezas».

Que passado, segundo o autor, ainda se não conseguiu limpar de Ho Chi Minh? — a prostituição, o mercado negro, o roubo, a venda de artigos estrangeiros não essenciais cuja importação foi suspensa. Isto é dito. Está a «liberdade» a que «fogem» os vietnamitas.

Acontece que os produtos vendidos no mercado negro — as cadeias estereofónicas, os cigarros americanos, os conhaques de três estrelas

— custam fortunas como é norma no mercado negro. São mesmo citados números: os cigarros americanos custariam 50 dongos, enquanto um operário tem como salário mensal 30 dongos e um empregado bancário 36. Aqui os factos embrulham-se. Não são certamente os trabalhadores vietnamitas que vão perder a «liberdade» de recorrer ao mercado negro. Então quem vai perder essa liberdade? Quem foge?

Ho Chi Minh — Saigão da «doce vida» como lhe chama o «Diário de Notícias» — é apresentada como um paraíso que tende a desaparecer em função da sua progressiva evolução, no contexto de todo o sul para o socialismo. Ho Chi Minh é apresentada como a cidade rica em decadência por imposição externa, em contraste com a «miséria» de Hanói.

Em Hanoi — diz-nos o comentário da France Press — «pela primeira vez desde há muito os chefes de família

recebem uma ração de 500 gramas de carne de vitela» (desde quando? por mês?, por dia? e o resto, é arroz?). Mas nos sítios ainda não «atingidos pelos ventos da revolução», há cozinha asiática, bons conhaques, aperitivos, quilómetros de tecido, da popelina à seda e, não esqueçamos, as «delícias» da prostituição, do mercado negro, dos jogos a dinheiro...

Depois de tudo isto fica-nos só uma pequena dúvida: como explicar a vitória do povo vietnamita sobre os invasores norte-americanos? Porque afinal a dominação de Washington trouxe uma boa vida, implantou todas as «liberdades» queridas da população vietnamita. Não se pode duvidar, por outro lado, do poder militar dos EUA. Oferecendo a miséria de um punhado de arroz raramente salpicado de carne, recusando as «liberdades» à população do Vietname — como foi possível a vitória do socialismo?

CONTRA A REPRESSÃO! CONTRA OS «DESAPARECIMENTOS»! CONTRA OS ASSASSINATOS!

Jaime Perez, dirigente do Partido Comunista do Uruguai, «desapareceu» de novo. Desta

vez do Hospital Militar Central, onde se encontrava devido ao seu precário estado de saúde, abalada pelas brutais torturas a que foi sujeito.

O novo «desaparecimento» de Jaime Perez regista-se num momento em que o regime fascista do uruguai está a recorrer com particular insistência a uma criminosa prática em que é perito: nos últimos tempos registou-se o desaparecimento de cerca de 800 pessoas de várias organizações democráticas.

Impõe-se uma vez mais exigir que as autoridades do Uruguai informem do paradeiro do camarada Jaime Perez. Que cessem os «desaparecimentos». Que

Jaime Perez seja finalmente libertado.

Há cerca de um mês, Alberto Carbajal, secretário da organização da província de San Juan do Partido Comunista da Argentina, apareceu morto na prisão. Este crime realça a importância da solidariedade internacional, para impedir que novos crimes sejam cometidos.

A vida de Jaime Perez, a vida dos 800 desaparecidos no Uruguai, corre perigo. O reforço da solidariedade internacional é indispensável para salvar as suas vidas, as vidas de todos os democratas e antifascistas que, nos países da América Latina sujeitos ao fascismo, sofrem na carne por serem firmes patriotas!

A crise da indústria metalúrgica

A imprensa da Europa Ocidental noticiou os novos sintomas de agravamento da crise na indústria metalúrgica dos países do Mercado Comum. A situação deste ramo da indústria da comunidade agravou-se com a concorrência do aço japonês, norte-americano e até espanhol. Actualmente, 20% dos metalúrgicos da CEE não estão a trabalhar a tempo inteiro e as capacidades de produção são utilizadas apenas em 65%.

No final do ano passado criou-se um novo consórcio denominado «Eurofer» no seio da Comunidade Europeia com o objectivo de unir os monopólios europeus para fazer frente aos seus rivais norte-americanos e japoneses.

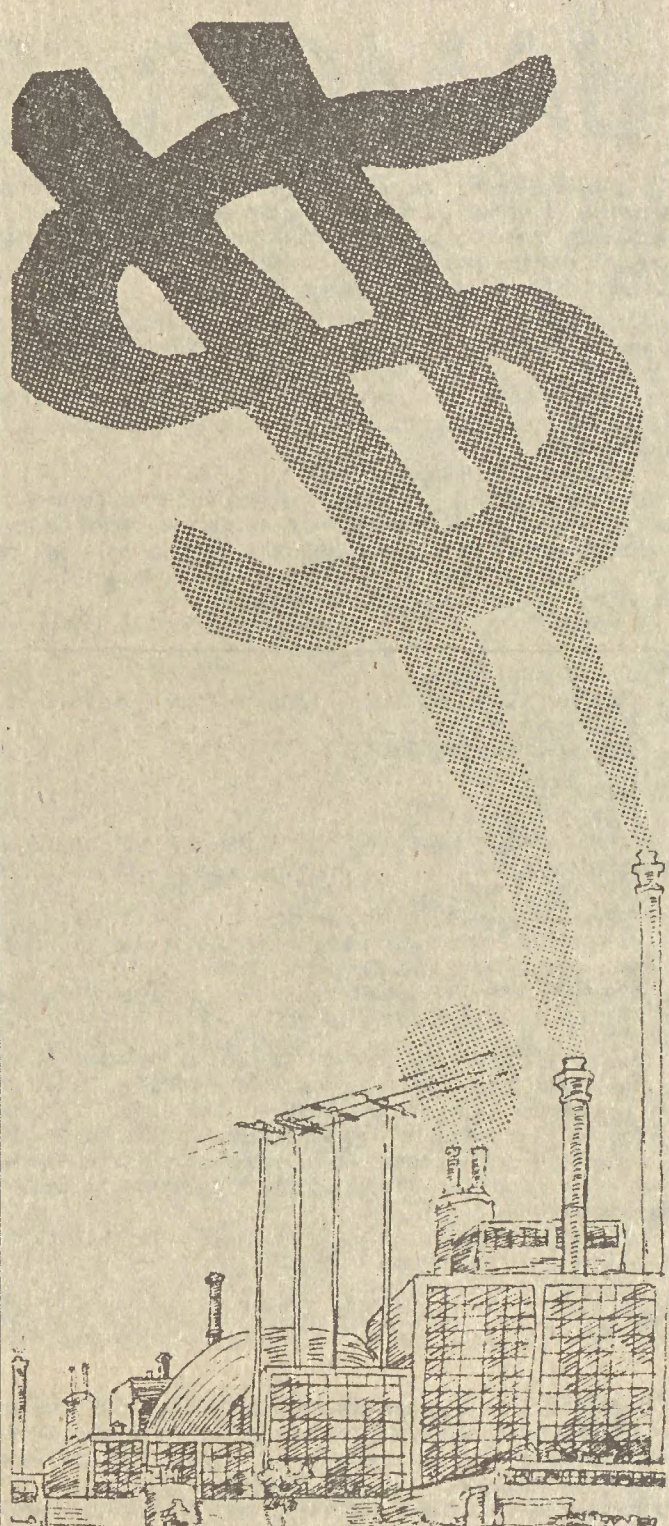
Contudo, os primeiros resultados da actividade deste superconsórcio mostrou que não resultarão as medidas adoptadas para debelar a crise na indústria metalúrgica. Os dados oficiais da Comunidade Económica Europeia mostram que, nos cinco primeiros meses deste ano, os «nove» produziram menos 2,3 milhões de toneladas de aço do que no mesmo período do ano passado.

A actividade do superconsórcio demonstra que os planos para combater a crise procuram fazê-lo à custa dos trabalhadores. Sob pretexto de «racionalizar a produção» e cumprir as indicações da «Eurofer», realizaram-se «lock-outs» e despedimentos massivos em todos os países do «Mercado Comum». Segundo o boletim «Euroforum», publicado pela comissão da CEE, 100.000 metalúrgicos estão em vias de ser despedidos.

Em França, o principal produtor de aço, o «trust» «Usinor» já despediu 3800 operários e empregados das suas empresas de Thionville, o que elevou o número de desempregados desta pequena cidade para seis mil.

O «Humanité» considera que o plano aprovado pelas autoridades para o sector metalúrgico condena a Lorena à morte pois serão despedidos 20 mil metalúrgicos nos próximos três anos.

Também na RFA o desemprego ameaça milhares de metalúrgicos. Dezenas de milhares de operários de Dusseldorf, Oberhausen e Saar passaram a trabalhar por «turnos reduzidos», o que implica cortes salariais.



Os lucros do tráfego de estupefacientes

Os sociólogos burgueses confirmam o carácter desumano do sistema imperialista com a apresentação de factos que provam como o capitalismo gera condições de vida favoráveis ao desenvolvimento da criminalidade, da toxicomania e da prostituição.

Um relatório elaborado por um grupo de juristas

americanos, após uma série de prejuízos, indica que o número de detenções de jovens delinquentes desde 1960 aumentou mais de 240% num ritmo duplo do registado em relação aos adultos. A situação é idêntica na RFA, onde a taxa de criminalidade entre os jovens atingiu números record.

Recentemente, em Nova Iorque, duas crianças menores de cinco anos foram assassinadas. Os assassinos eram, nada mais nada menos, do que a mãe e um amigo, totalmente dependentes da heroína: quiseram-se libertar das crianças que impediam o seu abastecimento de heroína de acordo com as necessidades.

Ainda em Nova Iorque, em 1975, registavam-se 250.000 drogados completos e 1000 casos de morte devido à absorção de doses excessivas. É necessário ainda juntar os crimes ligados à toxicomania. No mesmo ano venderam-se em Nova Iorque cerca de 3 milhões de dólares de narcóticos, dos quais o mais procurado foi a heroína, a droga mais forte. A venda de um só quiló de heroína rende 500.000 dólares. Cerca de 1 milhão de toxicómanos que existem nos Estados Unidos constituem um mercado lucrativo para os grandes comerciantes de droga que operam com os funcionários corruptos e com os monopólios.

Em 1975 os grandes traficantes de narcóticos tinham meio milhão de «clientes» na RFA. Sob este número encontramos 40 a 50.000 jovens entre os 14 e 15 anos, 12.000 intoxicados que não podem mais trabalhar e 155 mortos devido a intoxicação pela droga.

A FESTA DA CONFIANÇA NO FUTURO

A Festa do «Avante!» é, indiscutivelmente, uma grandiosa iniciativa popular de massas que mobiliza largas dezenas de milhares de pessoas de todos os pontos do País. Que o digam quantos, em 1976, conseguiram entrar no pequeno-grande mundo erguido na FIL!

Os inimigos do PCP tudo fazem, bem o sabemos, para marginalizar os comunistas da vida nacional. Mas quem poderá calar o poderoso eco que nos chega do Jamor, onde diariamente um imenso formigueiro humano demonstra da forma mais cabal e inigualável capacidade de concretização e de mobilização do PCP, o seu indesmentível enraizamento nacional? Quem poderá afirmar, em consciência, que um partido que tanto consegue dos nossos populares, não é indispensável à vida nacional?

E essa capacidade de realização, que até os próprios inimigos são obrigados a reconhecer, explica-se, afinal, de uma forma bem simples. Ela só é possível porque o PCP é de facto o Partido de vanguarda da classe operária, o Partido dos trabalhadores portugueses. Porque o PCP é o que os trabalhadores querem que ele seja e tem a força que têm os trabalhadores unidos e organizados.

A Festa do «Avante!», através da participação de todas as nossas organizações partidárias e das múltiplas iniciativas que nela têm lugar, é por isso a manifestação viva da inesgotável força dirigente dos que serão um dia, estamos certos, os dirigentes deste País — os trabalhadores.

E porque o PCP é de facto o grande Partido dos trabalhadores, mais nenhuma outra organização política, nem mesmo o próprio Estado, seria capaz de levar a cabo uma iniciativa desta dimensão, sem para isso investir elevados recursos económicos. A nossa Festa, pelo contrário, surge de quase nada, economicamente falando. O que a torna realidade é o profundo espírito de militância dos comunistas, a dedicação sem paralelo que votam ao seu Partido, o abnegado esforço e espírito de sacrifício de que os comunistas são capazes.

Tudo isto se conjuga, evidentemente, com o alto grau de organização que caracteriza o nosso Partido e com o espírito criador e inventivo tão próprio dos comunistas. Como bem o demonstra a Festa do «Avante!», manifestação política e artístico-cultural única no nosso País, só os comunistas são capazes de debater e planejar uma tão gigantesca tarefa e levá-la à prática.

Falar da organização do Partido leva-nos, aliás, a um outro factor-chave dos nossos êxitos: a democraticidade interna do PCP. Com efeito, a participação das diversas organizações com os seus «stands» e iniciativas, implica a discussão e o debate em cada célula, o planeamento dos trabalhos a realizar, a distribuição de tarefas. Entretanto, cada nova iniciativa contribuiu para a dinamização da actividade interna do Partido, possibilita sempre o melhor conhecimento mútuo dos camaradas e, quantas vezes, a revelação de novos bons quadros até aí desconhecidos ou com poucas possibilidades para revelarem as suas reais capacidades.

Do artista que se revela ao bom organizador que se descobre, tudo pode acontecer na concretização de uma tarefa tão bela e tão ousada como é pôr de pé uma cidade para a Festa do «Avante!».

Recrutar e recrutar sempre novos militantes é uma tarefa de cada comunista que nunca deve ser separada de qualquer iniciativa que se leve a cabo. A Festa do «Avante!», sendo uma grande iniciativa de massas, permite sem dúvida o alargamento do Partido.

Porque cada organização, para levar a cabo o seu trabalho, necessita de contactar um imenso número de pessoas fora do Partido; porque irão assistir à Festa milhares de pessoas que não são comunistas; porque

é possível dar a conhecer a cada uma dessas pessoas com quem vamos contactar a verdadeira imagem do que são os comunistas, como trabalham, quais os objectivos que os guiam.

Além de novos militantes temos também a obrigação de arranjar novos amigos. Amigos que saibam por que luta o PCP, amigos que compreendam finalmente que mesmo sem serem comunistas, o PCP luta também pelos seus interesses.

Que interesses são esses, poderão perguntar. A resposta estará na Festa, em cada «stand», em cada pavilhão, nos colóquios, nas exposições, nos próprios divertimentos. São os interesses nacionais, são os problemas que o nosso Povo quer ver solucionados, são as pequenas e grandes questões que só poderão ser resolvidas numa sociedade socialista.

Tudo isto estará na Festa, pois ela será uma imagem das aspirações do Povo português e das realidades nacionais, a demonstrar uma vez mais que o PCP é um Partido eminentemente nacional, um Partido patriótico cujos interesses são os próprios interesses de todo o Povo trabalhador.

Mas a Festa será ainda mais do que isso. Nela será bem notório o profundo cunho internacionalista do PCP. Por isso não faltarão na Festa do «Avante!», representados através de «stands» e delegações dos respectivos jornais, muitos partidos irmãos e outras organizações progressistas.

Damos a conhecer o nosso Partido e a realidade nacional do nosso País aos que noutros países lutam, como nós, pelo socialismo. Damos-lhes a nossa solidariedade.

Deles receberemos, igualmente, a sua solidariedade

e um melhor conhecimento dos problemas e das vitórias dos que pelo Mundo lutam pelos mesmos ideais que nos animam.

A Festa do «Avante!» faz questão em ser, também, uma grande manifestação de internacionalismo proletário.

Os que não conhecem os comunistas, ou fingem não conhecer, afirmam-nos muitas vezes desiludidos e isolados. Talvez porque gostassem de nos ver assim, ou talvez numa tentativa ingénua de verem os seus desejos tornarem-se realidade.

Como se enganam, porém!

Como se iludem os que pensam que os comunistas podem alguma vez perder a confiança nessa vitória que historicamente pertence a todos os trabalhadores!

Que importa se não formos nós, a geração de hoje, a ver a aurora dessa magnífica sociedade sem exploradores e explorados porque lutamos? Serão os nossos filhos, serão outros homens e mulheres que prosseguirão a tarefa começada e a levarão a bom termo.

Nada nos poderá desmobilizar, porque temos a certeza que a vitória terá sido possível, também, com o nosso contributo.

E é isso que os reacccionários não podem compreender. Que não lutemos apenas por nós, mas também pelos outros — pelo futuro.

Ao deitar ombros a uma tamanha iniciativa, tão vasta e tão diversificada como é a Festa do «Avante!», os comunistas reafirmam uma vez mais a sua inabalável decisão de prosseguir na defesa dos interesses nacionais e manifestam claramente a sua profunda confiança no futuro. Num Portugal democrático, num Portugal socialista.

JAMOR: OPERÁRIOS EM CONSTRUÇÃO

Cada vez que olho para estes milhares de pessoas a trabalhar, sabes no que penso, camarada? Em operários em construção. Em gente que conhece o valor das próprias mãos; gente que sabe a força das mãos unidas... Compreendes o que quero dizer?

O diálogo perdeu-se no labirinto de vozes, estruturas de tubo, placas e um nunca mais acabar de ferramentas à mistura com pinóis e latas de tinta. Mas ouvimos o principal, achámos a expressão exacta para definir os homens e mulheres de todas as idades que no vale do Jamor se atarefavam a erguer uma cidade diferente.

Operários em construção. Uns vindos de perto, dos arredores da cidade, trabalham até ao cair da noite e depois regressam a casa. Outros, vindos de bem longe, assentam arraiais em casa de amigos ou acampam no Jamor. Todos têm histórias para contar, ainda que muitas vezes não lhes atribuem a sua real importância.

No pavilhão da DOROR, alguns camaradas das Caldas da Rainha pintavam o respectivo «stand». Metemos conversa:

- Então, camaradas, isso vai?
- Vai pois. Não estás a ver esta linda pintura? Às vezes até penso que errei a vocação...
- Qual é a tua profissão?
- Canalizador.
- Estás de férias?
- Férias? Era bom, era. Ainda ontem estive a trabalhar até às cinco horas da manhã. Houve uma rotura de águas lá nas Caldas que me deu um trabalho.
- Mas já aqui estás há muito tempo...
- Pois estou. Assim que acabei o trabalho, às cinco da manhã, metemo-nos no carro e viemos para o Jamor.
- Isto foi dito com naturalidade. Aquele camarada era um dos que não tinham nada para contar...

Mas os camaradas das Caldas estavam preocupados. No fim do mês terão de desocupar as instalações onde esta o Centro de Trabalho do PCP naquela localidade. O edifício pertence à Câmara, que agora diz necessitar dele. O pior, dizem-nos, é que se calhar não conseguimos arranjar sítio para a sede. Já o trabalho para a Festa teve de ser feito a correr, antes de ficarmos na rua.

Não haverá ninguém, lá nas Caldas da Rainha, que saiba de uma casa que sirva para sede do PCP?

Vagueando por entre os «stands» em construção é possível «apanhar» os mais diversos tipos de amigáveis discussões. No de Vila Franca de Xira, por exemplo, os responsáveis pela forja colocavam insistentemente uma questão: Podemos ou não podemos fazer as foices e martelos com 1,30 m. de altura?

— Quantas são? — perguntou alguém. — Duas, uma para cada ponta do «stand». — E isso não fica muito grande? — Qual grande, qual nada; fica mas é o «stand» mais bonito da Festa.

— Mas vocês têm de assegurar o trabalho da forja, ouviu-se de novo a mesma voz.

— Oh, camarada, nós podemos afiar todas as ferramentas que

for preciso e fazer à mesma as foices. Deixem o trabalho connosco. Só precisamos de saber é se estão de acordo...

Não ouvimos mais. Sexta-feira lá iremos espreitar a ver se afinal fizeram ou não as foices de metro e meio.

No «stand» de Sesimbra ouvimos uma crítica:

No geral, as coisas estão bem organizadas, mas é preciso fazer alguns reparos. Diz-me lá se faz sentido pôr um carpinteiro a abrir valas e um trabalhador que abre valas a fazer trabalho de carpinteiro? Não faz, pois não? É claro que eu, que sou carpinteiro, posso muito bem abrir valas, mas se é preciso trabalhar em carpintaria está claro que um profissional do ofício o fará muito melhor e muito mais rapidamente. É preciso pensar bem este assunto de distribuição de tarefas. Está claro que o trabalho se faz na mesma, agora o rendimento é que não se compara. E se ele há para aí gente de todos os ofícios, para quê baralhar o que é simples?

Mas Sesimbra tem outras coisas para contar. Por exemplo, que já ultrapassaram a meta de venda de EPs que tinham estabelecido. Que as dificuldades encontradas na realização das iniciativas programadas têm sido vencidas com o auxílio dos sesimbrenses que trabalham no Arsenal do Alfeite. Que os condicionálmios de uma sede pequena como a de Sesimbra foram ultrapassados graças ao apoio da Cooperativa de Pesca «Direito ao Trabalho», cujos pescadores não se têm poupado a esforços para que tudo esteja pronto a tempo e horas.

Também os jovens têm ajudado, nomeadamente nas pinturas que ilustram o «stand». E, a terminar, uma confidência:

— Não é por ser orgulhoso, mas o nosso «stand» vai ser dos melhores da Festa.

Nun pavilhão onde o frenesim era particularmente notório podiam ver-se diversos camaradas pintando cuidadosamente o chão a azul vivo.

- Então vocês até pintam o chão?
 - Nós não descuramos os pormenores.
 - E estão entusiasmados?
 - Oh, camarada! Nós somos do Barreiro!
- Estava tudo dito. Não fora entre camaradas e a pergunta seria quase uma ofensa. Mas logo acrescentaram, bem dispostos: A nossa Festa vai mostrar-lhes o que os trabalhadores são capazes de fazer pelo seu Partido.

Referiam-se ao Governo, à reacção, a quantos gostariam de ver o PCP marginalizado.

Por todos os «stands» o ambiente era o mesmo. Inútil perguntar se estavam entusiasmados. O entusiasmo era evidente no sorriso aberto, no olhar concentrado, nos gestos precisos com que iam dando vida ao palco da nossa Festa.



GIGANTESCA VENDA DE VÁRIOS PRODUTOS DA REFORMA AGRÁRIA

Graças ao esforço, dedicação e espírito de militância dos camaradas das células das UCPs e Cooperativas Agrícolas, durante os três dias de Festa, na área compreendida pela representação da Reforma Agrária, vai acontecer a maior venda de produtos dos campos do Ribatejo e Alentejo jamais realizada e a preços jamais vistos!

Aqui ficam alguns exemplos referentes ao preço por quilo dos produtos mencionados:

Batata: 6\$00; Tomate: 4\$50; Cebola: 10\$00; Alho: 3\$50; Feijão Verde: 12\$50; Couves (de todos os tipos): 3\$00; Pimentos: 8\$00; Cenouras: 10\$00; Uvas: 15\$00; Melão: 7\$50; Melancia: 6\$00; Pera: de 8 a 15\$00; Maçã: de 7 a 13\$00; Limão: 22\$00; Marmelo: 8\$00; Laranja: 30\$00; Grão:

35\$00; Milho Miúdo: 5\$50; Feijão Branco: 26\$00; Feijão Amarelo: 24\$00; Feijão Catarino: 30\$00; Feijão Frade: 30\$00; Chouriço Alentejano: 120\$00 Chouriço Preto: 70\$00; Sal da Reforma Agrária: 5\$00; Arroz da Reforma Agrária: 13\$50; Cevada Distica 9\$00; Vinho Branco e Tinto: 12\$00 o litro (venda em garrafa de 5 litros).

Convém que os camaradas

e amigos interessados não deixem as compras para a última hora. Isto apesar do abastecimento estar garantido como se pode ver pelas quantidades presentes no Jamor. Alguns exemplos que atestam a grandiosidade desta venda: Batata: 20 toneladas; Tomate: 5 toneladas; Uvas: 7 toneladas; Pimentos 500 Kg; Laranjas: 1 500 Kg; Arroz: 5 000 Kg.



«Promoção das conquistas de Abril»

SESSÕES NO PAVILHÃO DO COMITÉ CENTRAL

A campanha «Promoção das Conquistas de Abril», tal como salientávamos no nosso último número, é uma tarefa nacional, do mesmo modo que a Festa do «Avante!», conforme se comprovou o ano passado e se vai reconfirmar amanhã, é uma realização nacional. Tal como então anunciávamos, iniciativas especiais da campanha «Promoção das Conquistas de Abril» irão ser realizadas no decorrer da Festa.

As mais importantes delas serão com certeza, as sessões de esclarecimento que decorrerão no Auditório do Pavilhão do Comité Central, e que contarão com a presença de destacados dirigentes do PCP, membros da Comissão Política do Comité Central.

É o seguinte o programa dessas sessões:

- DIA 9:
2s 21.30 horas — **Blanqui Teixeira;**
- DIA 10:
às 15 horas — **António Gervásio;**
às 17.30 horas — **Octávio Pato;**
às 21.30 horas — **Carlos Brito;**
às 23 horas — **Jaime Serra;**
- DIA 11
às 11 horas — **José Vitoriano;**
às 15 horas — **Carlos Costa;**
às 16 horas — **Joaquim Gomes;**
às 21.30 horas — **Sérgio Villarigues**